

ILUSTRAÇÃO



4.^o ANO
NÚMERO 77

Lisboa, 1 de Março de 1929

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO
4\$00

Veramon

Schering



O mal estar proprio da mulher alcanca com frequencia, especialmente nas mulheres delicadas e muito sensiveis, um grau verdadeiramente atormentador. Não só as incapacita para cumprir com as exigencias da vida diaria, mas ainda, pela sua repetição terminam taes incomodos por tristecer o seu animo. Consulte a seu medico. Elle lhe dirá se esses incomodos são originados por uma sensibilidade nervosa aumentada. O Veramon da casa Schering de Berlin faz desaparecer o mal estar, tomando um comprimido de 2 em 2 ou de 3 em 3 horas sem produzir efeitos nocivos. Adquira V.Ex* um tubo de 10 e 20 comprimidos e convencer-se-ha d'isso.



Olitzki - Florentina



D. SANCHO II O POVOADOR....

**Que não daria esse
monarca, para poder
usar um telefone
no seu trabalho!**

Nos tempos históricos dos alvares da monarquia, a acção povoadora de D. Sancho corresponde a um habil trabalho de diplomacia e visão administrativa.

Nos tempos actuais não ha visão administrativa sem um telefone ao alcance da mão. É o convite, a saudação, a ordem, é, em suma, a verdadeira arte de saber mandar.

E porque não ter telefone?

Assina-se um contrato.

Paga-se uma mensalidade.

**Nem mais incomodos, nem
mais passos perdidos.**

A Companhia tem várias soluções para o vosso orçamento, e dar-vos-há a escolher a melhor forma de pagamento.

Dirija-se pelo telefone ou pelo correio à Companhia, e um seu representante vos procurará, para, sem mais incómodos, vos instalar um telefone.

THE ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE C.^o L.^{td}

RUA NOVA DA TRINDADE, 43

Telefone 4200

LISBOA



A SOCIEDADE
IBÉRICA DE
CONSTRUÇÕES
ELECTRICAS

L.^{DA}

Apresenta no seu Stand
do PALACIO DAS BELLAS ARTES

os ultimos modelos d'apparelhos de
radiotelephonia da sua representada

RADIO CORPORATION OF AMERICA

Praça dos Restauradores, 78, 1.º

Tel. N. 3849

LISBOA

RÁDIO PORTUGAL

“STOCK,, PERMANENTE DE
RECEPTORES DE VÁRIOS
MODELOS E DE LIGAÇÃO
À REDE, ASSIM COMO MA-
TERIAL E ACESSÓRIOS PARA

T. S. F.

das mais importantes fabricas estran-
geiras que representamos. : : : :

PREÇOS SEM COMPETENCIA
QUALIDADE SEM COMPARAÇÃO

Aos Srs. Amadores e Profissionais aconselha-
mos visitar a nossa exposição, apreciar a qua-
lidade dos nossos artigos e por fim comparar os
nossos preços.

JAIME P. ESTEVES, L.^{DA}

R. DOS SAPATEIROS, 159, 1.º — LISBOA

Telefone: T. 5024

ACABA DE APARECER

D. PEDRO E D. IGNÊS

8.ª edição

E LEONOR TELES

6.ª edição

DE

ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa

Pedidos às Livrarias AILLAUD E BERTRAND

Rua Anchieta, 25 — LISBOA



ADREMA

A MAQUINA QUE MULTIPLICA
O NEGOCIO E ORGANISA OS
SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

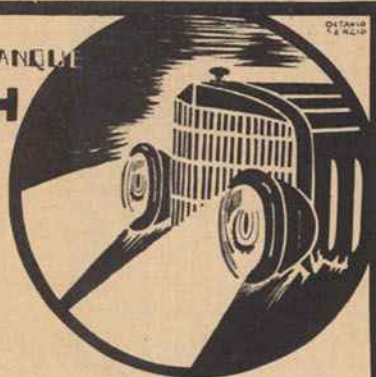
AGENTE GERAL: J. GONÇALVES
C. do Carmo, 10 — LISBOA

LUZ E ARRANQUE BOSCH

Os elementos que constituem o Equipamento da Luz são construídos com rigorosos cuidados, garantindo um funcionamento isento de cuidados.

REPRESENTANTE:

Escritório Técnico Roberto Cudell
PORTO — Passos Manoel, 41



RADIO TÉCNICA

DE

J. F. LOPES

Rua Eugenio dos Santos, 81, 2.º andar

Telefone Norte 5052

LISBOA

ARTIGOS PARA RADIO

Apresenta a nossa casa, uma das mais amigas no comércio de artigos para Rádio, no País, um completo sortido do seguinte material:

- ORMOND — Os célebres condensadores; Ruddept.
- BURNDIPT — As maravilhosas cabeças desmultiplicadoras — Os reostatos de inextinguível precisão — Os kits para super-heterodines — As bobinas de choque, etc.
- LISSEN — O admirável transformador que não deforma — Pequeno modelo e o super Lissen.
- ALPHA — O excelente material suéco: — Suportes para lâmpadas de belo acabamento e óptimas qualidades isoladoras — Cabeças desmultiplicadoras — Ligações de baterias.
- POLYMET — Condensadores fixos rigorosamente controlados — Reostatos — Resistências.
- MAR-CO — As interessantes cabeças desmultiplicadoras.
- BROOKLYN — Jacks e fichas.
- LOWE — Resistências inalteráveis.
- BRUNET — Alto falantes, Difusores, Auscultadores e Transformadores.
- Lâmpadas de todos os fabricantes.
- Baterias ácidas e alcalinas de baixa e alta tensão.
- Pilhas secas.
- Todo o material de que o amador necessita para a montagem dos postos.
- SUPER P. M. VI — O nosso aparelho de réclame, de pequeno tamanho, distinguindo-se de todos os outros pela sua bela apresentação e excelente selectividade.
- SIMPLEX IV — O aparelho que dá inteira satisfação, dando todos os cumprimentos de onda.

Experiências em casa dos Ex.ºs Clientes sem qualquer encargo

AZEITE VEGETAL PERFUMADO



PORTUGAL

É O UNICO TRATAMENTO RACIONAL DOS CABELOS BRANCOS

A VENDA NOS PRINCIPAES ESTABELECIMENTOS

AO PREÇO DE Esc 35\$00

SOCIEDADE DE PRODUCTOS FARMACEUTICOS, L.º
Rua Jardim do Regedor, 21 — LISBOA

GRANDE NOVIDADE LITERÁRIA

O
ÚLTIMO OLHAR
DE
JESUS

DE
ANTERO DE FIGUEIREDO
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

UM VOLUME BROCHADO ... **12500**



PEDIDOS ÀS
LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Sports

NUM país como Inglaterra onde a vida de Deportes e de Sociedade desempenha um papel tão considerável, os protagonistas do jogo não devem ir para o campo da contenda preparados sómente para as peripecias e adversidades da sorte.

Com muita frequencia, os espectadores esperam a entrada dos Estádios dezoito e até vinte e quatro horas, para estarem seguros de obter um bom lugar, e sentados ou de pé aguentam as inclemências do ceo, calor, frio ou chuva, todo o tempo durante o jôgo, até ao fim. Não constitue nenhuma maravilha nem se pode considerar nenhuma coisa singular o facto de que durante um descanso ou no fim da contenda se vá buscar uma chávena de chá.

Tanto os espectadores como os jogadores sabem bem que para aliviar a sede e refrescar não ha melhor bebida, e ao mesmo tempo tão aromática, como o

CHÁ HORNIMAN

A casa Horniman fornece todos os Estabelecimentos de importância e goza de fama na Grã-Bretanha ha mais de 100 annos. O chá Horniman prepara-se expressamente para V.Sa., do mesmo modo que para todos os países do mundo, em recipientes de diferentes tamanhos, escolhidos conforme as necessidades do comprador.



VOGA

PROMOVE O

SALÃO DE PRIMAVERA DA ELEGANCIA FEMININA, ARTES INDUSTRIAIS E DECORATIVAS, NO PALACIO DE CRISTAL DO PORTO

Sob o patrocínio dos ilustres organismos económicos do Norte, ILUSTRAÇÃO e MAGAZINE BERTRAND ESTÁ ABERTA A INSCRIÇÃO PARA ESTE CERTAME, QUE OBTERÁ O MAIOR ÊXITO ECONÓMICO, PUBLICITÁRIO E ARTÍSTICO

- As primeiras casas a inscrever-se definitivamente em lugares de destaque foram
- GRANDE BAZAR DO PORTO LTD.** (LISBOA-PORTO), representantes da colossal marca de gramofones e discos HIS MASTER'S VOICE
- SANTOS & JÚLIO**, COSTUREIROS, criadores de Modas — (R. Nova do Almada — LISBOA)
- HENRI MANUEL** (Fotógrafo de Arte, Moda e Elegâncias) — PARIS
- FABRICA DOS TAPETES DE BEIRIZ** — A maravilhosa indústria artística de D. Hilda Brandão de Miranda e Carlos de Miranda
- SOCIEDADE DOS VINHOS BORGES & IRMÃO** — De fama mundial, porque «os Vinhos Borges... são Vinhos»...
- MÁRIO DE NOVAIS** — (Fotógrafo de Arte) — LISBOA
- TATA** — «Chapelier en Vogue» — Medalha de ouro do «Salão de Outono»
- ALINANDA** — Que exporá o livro «Arte de bem comer» ao qual está reservado um grande successo e que será um verdadeiro regalo para os «gourmets»
- CHAMPAGNE PIPER-HEIDSIECK** — Reims — «Grandes licores Rocher Frères — «Cognac E. Remy & C.» — reputadíssimas marcas de que é representante em Portugal e Colónias
João Alves de Matos, rua dos Fanqueiros, 277 — LISBOA
- POLYDOR** — «O super-gramofone alemão», uma verdadeira maravilha — Agentes gerais — Galeria das Novidades, L.^{da} — PORTO
- “THE ANGLO-PORTUGUESE TELEPHONE C.”** — A prestimosa empresa proprietária das redes de Lisboa, Porto e principais localidades do País, num esforço enorme de progresso. Cooperação e «stand» originalíssimos
- “EMPRESA ELECTRO-CERÂMICA”**, de Vila Nova de Gaia, a maior fábrica da península de porcelanas para uso doméstico e efeitos eléctricos, honra da indústria portuguesa
- COMPANHIA INDUSTRIAL PORTUGUESA**, com os maravilhosos vidros artísticos, rivais dos melhores do mundo, da *Fábrica da Marinha Grande*
- AZEITE SANTA CRUZ**, admirável produção da firma Simões, Irmão & C.^a Ltd.^a, das Devezas — Vila Nova de Gaia, com venda a retalho na Rua do Almada, 181 — PORTO.
Um produto finíssimo e superior
- O PRIMEIRO DE JANEIRO**, o grande jornal do norte, com as suas edições e obras gráficas de elite, num «stand» originalíssimo
- SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE, A. E. G.**, a marca de maior fama universal em artigos eléctricos, instalações, maquinaria eléctrica, luz, iluminação etc. LISBOA — PORTO
- JOÃO ANJOS** — O afamado medalhista, grande artista português, cinzelador e esmaltador; especialista em condecorações e emblemas, effigies sagradas. Rua do Mundo — LISBOA
- DOMINGOS FERNANDES & C.^a**, grande fábrica de malhas da rua dos Wanzelleres — PORTO, com as suas criações em Novidades e Fantasia de luxo, vestidos para senhoras, chales, colechas de malha de seda, lenços rendilhados, camisolas com labores, etc.
- CASTELO LOPES LTD.^a**, que montou o cinema-reclame do nosso «bureau» do Porto e montará projectores eléctricos na grande nave
- P. SOLER** — Representantes da famosa casa Gaumont, que montou «haut-parleurs», na varanda do nosso «bureau» do Porto e montará um colossal sistema de reclame no Palácio de Cristal

Tôdas as informações nas redacções de *Voga*, *Magazine Bertrand* e *Ilustração* (Telef. N. 873) ou no

BUREAU DA EXPOSIÇÃO:

AVENIDA DOS ALIADOS, 71, 1.^o — PORTO — Telefone: 4909 (Porto)

Tobler

A TENTACÃO DAS CRIANÇAS!

Uma caixa de TOBLER'S TABLETS é para elas um brinde precioso e sempre desejado, porque contem um variado sortido das especialidades de chocolate que elas mais apreciam

Fabricado na Suíça com produtos rigorosamente seleccionados e por um processo especial que o torna muito rico em vitaminas, o Chocolate TOBLER não é só uma deliciosa gulodice mas sobretudo um alimento concentrado dos mais completos.

À VENDA EM TODAS AS BOAS CONFEITARIAS



CHRYSLER IMPERIAL O MAIOR E MELHOR DE TODOS OS

Chrysler

Imponente, luxuoso, elegante, discreto, duma linha irreprezível,
o mais silencioso e o automovel mais perfeito do mundo

AGENTE GERAL: A. Beauvalet

Rua 1.ª de Dezembro, 137 — LISBOA

DISTRIBUIDOR PARA O NORTE: Angel Beauvalet

Rua de Santa Catarina — PORTO

NYTHIS
Parfume de
GELLÉ FRÈRES
PARIS



ESSENCIA
PÓ DE ARROZ
LOÇÃO
ÁGUA DE COLÓNIA
SABONETE

Se Venderem sem limites nas boas Casas
deparar com STEINER & CO., Rue de Valenciennes 21E, LISBOA

RAINHA DA HUNGRIA

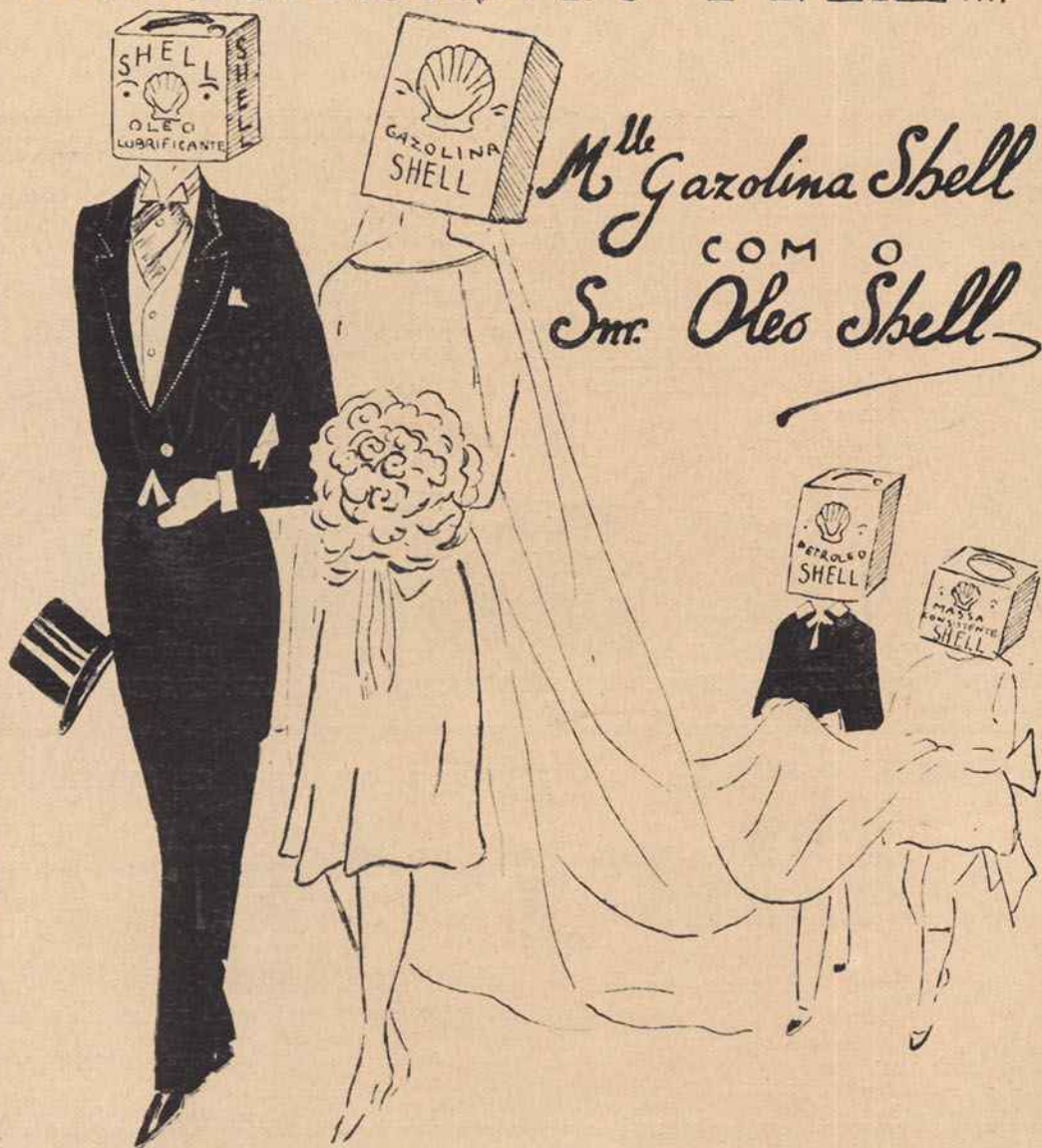
OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

**ACADEMIA SCIENTIFICA
DE BELEZA**

Directora: MADAME CAMPOS

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA

UM CASAMENTO FELIZ....



...E COM BONS RESULTADOS FUTUROS



928
Sanches
de Castro

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»
R. d'Alegria, 30 — Lisboa
REDACÇÃO
R. Cealho de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Proclamação)
Telef. N. 873

ILUSTRAÇÃO

PROPRIEDADE E EDIÇÃO:

AILLAUD, L.^{DA}
R. Garrett, 73, 75—Lisboa
ADMINISTRAÇÃO
Rua Anchieta, 25
Telef. C. 1084

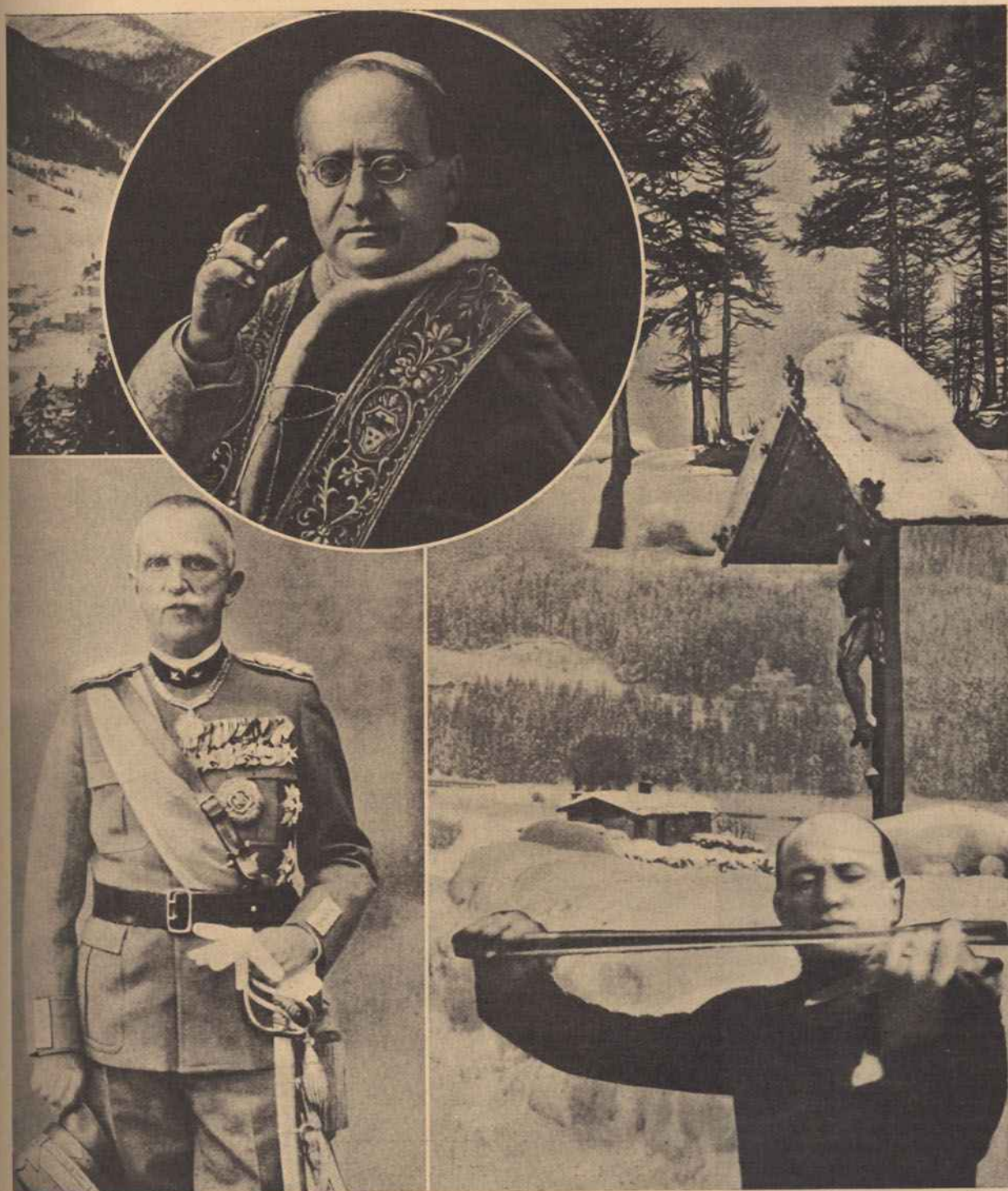
DIRECTOR-DELEGADO:
JOÃO DA CUNHA DE RÇA

DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ANO 4.º — N.º 77

1 DE MARÇO DE 1929



Na Basílica de S. João de Latrão, em Roma, acabam de ser apostas duas corajosas assinaturas num tratado que resolve a questão religiosa em aberto desde 1870, restituindo o poder temporal do Papa e a existência real dos Estados Pontifícios independentes. Sua Santidade Bento XV poderá agora lançar livremente a bênção aos fiéis, fora dos muros do cárcere opulento do Vaticano, e contemplar de novo a formosura dos seus Alpes queridos, orar ante um cruzeiro humilde da campina, numa doce humildade cristã. O rei de Itália, Vitor Manuê III, fica na história como um grande rei, com a coragem de antelar todo um universo de preconceitos, e Benito Mussolini, curvando mais um ponto do seu pensamento audaz, torna modestamente à sua pátria, ao seu violino, onde tocará, docemente, talvez uma velha aria italiana em vez duma marcha de guerra.

CRONICA DA QUINZENA

Debalde certas criaturas, — tão escravas da sua rebelde sensibilidade com ignorantes das lições da experiência! — debalde esses pobres e derradeiros Românticos se empenham em desvirtuar e amesquinhar o alcance extraordinário que tem a solução dada à querela entre o Vaticano e a Itália... A mais elemental dose de senso crítico, de imparcialidade, de serena visão da História, mandaria que se visse como uma correcção justíssima de erros cometidos, como uma obediência aos ditames do Direito, a solução a que nos reportamos. E, conseguido isso, imediatamente viria, como conclusão lógica, a certeza da inutilidade de todos os esforços — por mais poderosos! — para derrubar o velho enlêvo da Humanidade soffredora: a crença no Filho de Deus, alicerçada em palavras divinas, cimentada com o sangue de legiões de mártires, radicada milenariamente em nossas almas desventuradas e mantida, em toda a sua intangível pureza, pela Igreja de Roma!... Bastaria — para se chegar a essa inuludível conclusão — que, friamente, se analizasse, não diremos já o período que vai desde a Revolução Francesa até à Grande Guerra, mas sim os últimos trinta anos ou, se preferem um pouco mais, a distância que medeia entre o Vitor Hugo do *Theâtre en liberté* e os poetas de hoje que aceitam todos os dogmas do catolicismo e replem as ficções e utopias, tão calorosamente propagandeadas pelos seus antecessores... Recordam-se os leitores dos versos do célebre romântico francês?

*Moi, je plains Dieu, Peut-être en le condamnant.
Je condamne l'opéret; il a pour légitime
La religion; Rome exploite son mystère.
Pauvre Dieu dont le Pape est le ver solitaire.
Sous un vain parasite un colosse a languit;
Le chéne est quelquefois dévoré par le gui;
O marquis, si Dieu meurt, c'est lui par le prêtre.*

Como tudo isto tresanda a asneira, e asneira grossa! E como os tempos que ora passam diferem do que vimos, do que nos anunciaram e acreditamos, talvez, como inevitável!...

Com effeito, não é sem um movimento de assombro que se analisa a história, política e religiosa, dos últimos trinta anos!... Quem, como o autor destas linhas — e muito contra sua vontade, acreditem! — ultrapassou já a trintena, teve, portanto, ocasião de assistir ao favor com que, ideias diametralmente opostas às de hoje, eram acolhidas e recebiam uma propaganda formidável. Mesmo aqui há vinte anos, falar a um político em ditaduras o mesmo seria que apresentar o Diabo ao cándido franciscano Santo António; os termos *frade* e *jesuita* eram significativos: o

primeiro de estupidês, o segundo de retrinçada patifaria. Afirmava-se, cria-se piamente que os monges deformavam as almas como os fabulosos comprachicos malievais as miseráveis criancinhas que lhes caíam na mão solerte, afeita a todas as rapinas; quanto aos filhos de Santo Inácio de Loyola, esses, além de outras prendas que geralmente lhes eram atribuídas, tinham esta que se chegou a acreditar como um dogma: deitavam as unhas rapaces aos meninos de tenra idade para, utilizando misteriosas alquímias e visando não sabemos que luciferinas terapêuticas, fabricar óleo humano... As igrejas ficavam às moscas ou, — quando muito — quem por lá arriscasse o pé hesitante iria topiar com vultros embioçados, torvos como corujões, inimigos da luz, adversários do Progresso. Quem quizesse ter espirito moço — ou antes: ser considerado como tal — teria de repelir a Igreja, ligar-lhe tanta importância como nós a uma carcassa pôdre, fedorenta, pululando vermina, habitá-lo de ratonzas... O Papa era um monstro, chefe de vampiros e tão rodeado de corvos como, noutros tempos, os senhores feudais andavam cercados de falcoeiros e falcões...

E essa propaganda foi tão violenta, revestiu tamanho encarniçamento que, ao principiar o século actual, ninguém, talvez, acreditava na efficácia duma resistência...

Pois bem: perante a lição formidável que nos ministraram estes últimos tempos, só duas conclusões há a tirar: ou os propagandistas estavam de posse da razão e, nesse caso, a Humanidade está doída varrida, visto aceitar pressurosamente o contrário do que se defendia; ou não tinham razão e, nesse caso, o crime que praticaram foi dos maiores que conhece a História... Os que pregavam o fim de todas as guerras, mediante o desconhecimento das doutrinas de Cristo, foram desmentidos por milhões de cadáveres sacrificados a uma guerra inútil; aqueles que se arrogavam a pretensão de acabar com a fé em três gerações assistem hoje à mais formidável revivescência de espirito religioso; os que defendiam o moral laico vêem, pávidos, a fallência das suas ideias; os adversários do Papa e do poder temporal contemplan o espectáculo espantoso de uma nação forte, preñe de riqueza e de futura, uma nação que dá lições

de energia e vitalidade ao mundo inteiro, e de encontro às reivindicações da Santa Sé — apoiadas tão somente no Direito e na Justiça, sem arrimo temporal absolutamente nenhum! — e dizer ao representante de Cristo na terra:

— A razão está do teu lado. Errámos ao privar-te da independência temporal, absolutamente necessária no livre exercício das tuas funções de Chefe espiritual da cristandade. A tua força é maior que a nossa, porque poder algum a poderá abalar jámais. Restituiremos aquilo que julgares de justiça!

Muitos acreditarão que a loucura se apouso da Humanidade perante o espectáculo que ela oferece. Nós julgamos que a explanação se contém simplesmente nas palavras divinas:

Non praevalent!...

Negar o effeito, o alcance extraordinário da solução dada à questão romana só poderá ser atribuído daqueles indivíduos aos quais o Rei D. Duarte já taxava, há séculos, de *homens minguados e falidos de bom entender*. Só por si o facto de a Itália, engrandecida e próspera como nenhuma outra nação, ter reconhecido a razão que assistia aos Pontífices, só esse facto representa por si um prestígio incalculável para o Vaticano... É uma grande potência temporal que reconhece a justiça dum protesto inabalável mas desapoiado da força. É o primado do espiritual que se ergue no mundo inteiro: é a satisfação dada às reivindicações, não só temporais, mas de disciplina e doutrinas católicas. É o Chefe da Cristandade, livre e soberano, independente de todos os poderes da terra, e superior a todos eles, mesmo, visto, de sobre a colina Vaticana dominar espiritualmente todos os outros reinos temporais e espirituais. A sua acção é, como nenhuma outra, mais intensa, mais vasta, mais forte. O gesto da grande Itália só veio restaurar e tornar mais significativo o prestígio do Papado. Debalde forcejaram alguns por tornar ridicula a soberania do Pontífice alegando a pequenez dos seus domínios temporais. Argumento risível que não colhe porque, acima d'ele, paira alguma coisa de sobrenaturalmente poderoso: o reconhecimento pleno de que, contra o rochedo inabalável da Igreja, vãos e inanes serão todos os esforços, ódios e más vontades; a convicção indestrutível de que o primado espiritual sobrepuja e vencerá sempre os falaciosos e contingentes poderes temporais que contra elle se erguerem!

Non praevalent!...

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

NOTAS DE ACTUALIDADE



A ESQUERDA: — Aspecto da assistência ao banquete que o Núncio Apostólico em Lisboa, Mons. Beda Cardinale, ofereceu ao sr. Presidente da República, Chefe do Governo, ministros e Corpo Diplomático, solemnizando a assinatura do Pacto de S. João de Ladrão, que reconheceu a independência dos Estados Pontifícios.



NO OVAL, do centro: — Aspecto do banquete que um grupo de colonias ofereceu ao tenente Alceino de Vasconcelos, colonial distinto, que se espera seja dos mais importantes colaboradores do Alto Comissário de Angola, e que durante o banquete foi entusiasticamente saudado.



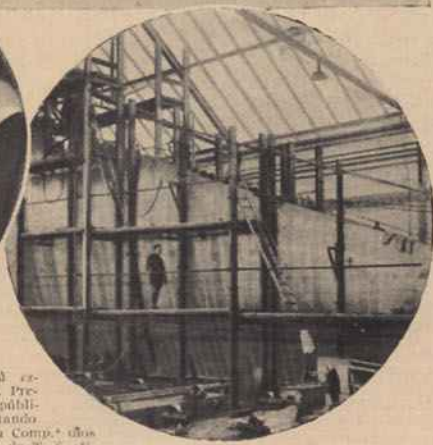
Na exposição de T. S. J. na Sociedade de Belas Artes. Os srs. Presidente da República e Chefe do Governo com os organizadores no acto da inauguração deste interessante certame.



NO MEDALHÃO, de baixo: — Construção da asa do avião J. 35, de 29 toneladas, última criação do professor Junkers.



NO OVAL, à esquerda: — O sr. Presidente da República experimentando um aparelho automático da Comp.ª dos Telefones exposto no Salão de T. S. J. P.





NOTAS DA QUINZENA

A ESQUERDA. — O elegante casamento de Ex.^{as} Sr. Dr. José Francisco Xavier de Mendonça Lima Neto, com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Emília Rosa Rebelo Pinto, realizado há pouco na capela particular de Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca, D. António Mendes Belo, que se vê na fotografia entre os noivos.

EM BAIXO. — Carnaval infantil no Pôrto, Grupo de gentilíssimas crianças que tomaram parte no baile infantil realizado na «Casa de Espanha».



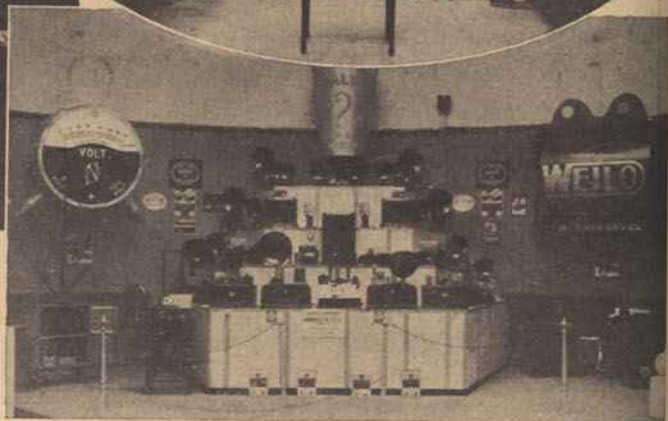
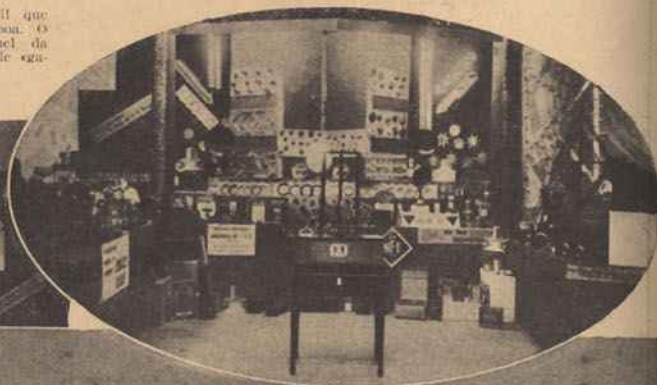
Uma máscara infantil que fez sucesso em Lisboa. O menino Vítor Manuel da Graça de 22 meses, de orelhinha brancas.



NA EXPOSIÇÃO DE T. S. F. — O stand original da «Sociedade Hérica de Construcções Electricas» onde se apresentam os últimos modelos de aparelhos de radiofonia da célebre Radio Corporation of America, que causou sensação.

NO OVAL À DIREITA. — O stand sensacional da casa «Rádio Técnica» que apresentou um mostruário magnífico do melhor que se fabrica em artigos de T. S. F., postos e acessórios.

À DIREITA. — O stand monumental da firma «Rádio-Portugal» que apresentou os alto-falantes e auscultadores «Teluga» e «N. & K.», além de outros incomparáveis artigos de sua especialidade que se afirmaram pela excelência de qualidade.



No Salão da «Voga», no Pôrto, exporá «Artigos de alta novidade e fantasia» a grande fábrica de malhas de DOMINGOS FERNANDES & C. — Rua dos Wanzeleros — Pôrto



O naufrágio do «Delsters». — A urna contendo os restos do piloto do Douro, Jacinto Pinto, saluda da Igreja matriz da Foz aos ombros dos cantaralés do morto

Aspecto do funeral de dois tripulantes alemães do «Delsters», vítimas do naufrágio, e que foram conduzidos ao cemitério de Agramonte pelos pilotos da barra



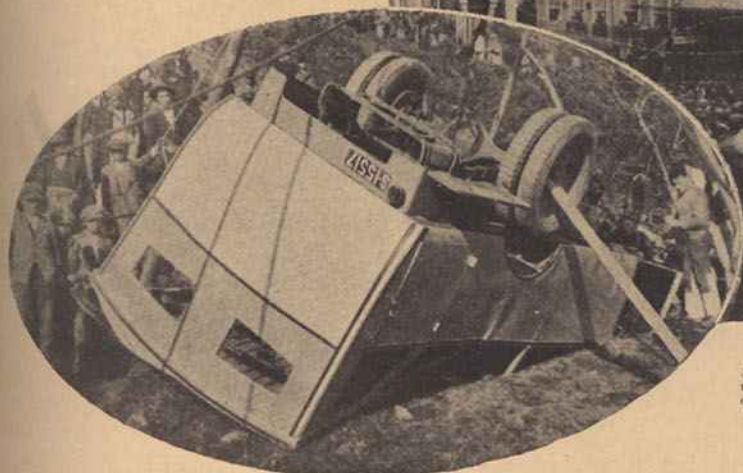
(Fotos de Álvaro Martins)

Aspecto de um dos comícios realizados nas Fontainhas Pôrto, em protesto contra o monopólio da rua e transportes em comum atribuído à Companhia Carris. No medalhão, à direita: A mesa do comício, composta por condutores de automóveis e camionetas, e um dos oradores formulando o seu caloroso protesto.

NO OVAL, em baixo: — Estado em que ficou a camioneta que, conduzindo do Pôrto para Avintes quatro passageiros, perdeu a direcção e se foi despenhar numa ribanceira a uma distância de 70 metros do leito da estrada, sem que houvesse feridos nem prejuízos além dos materiais



Aspecto do Cortejo Carnavalesco dos Estudantes do Pôrto, a nota mais alegre do Carnaval da cidade Invicta. O carro futurista, um dos mais pittorescos do alegre desfile, a descer a rua dos Clérigos em meio do gáudio geral



O Salão da "Voga", do Pôrto, tem a colaboração da grande casa CASTELLO LOPES, LTD.
Lisboa — Pôrto — na montagem de cinema de réclame, projectores, etc.



Aspecto da grande festa elegante «Balle das Tarfutanass», realizada ultimamente no Pôrto, por iniciativa dum grupo de senhoras da alta sociedade



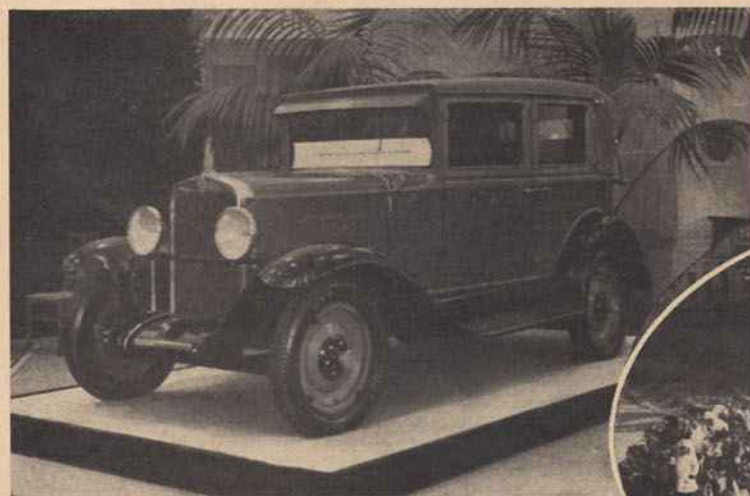
— NA TCHECOSLOVAQUIA. — O sr. dr. Veiga Simões, ilustre diplomata e admirado escritor, actualmente ministro plenipotenciário de Portugal, em Praga, passeando com sua esposa e o primeiro secretário daquela legação, sr. Alconde de Ribas-Tâmega



Casamento da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria da Piedade Monteiro, com o sr. Cândido dos Santos Silva, filho do nosso dedicado agente em Castelo Branco, sr. Polícarpo dos Santos Silva. Os noivos após o enlace

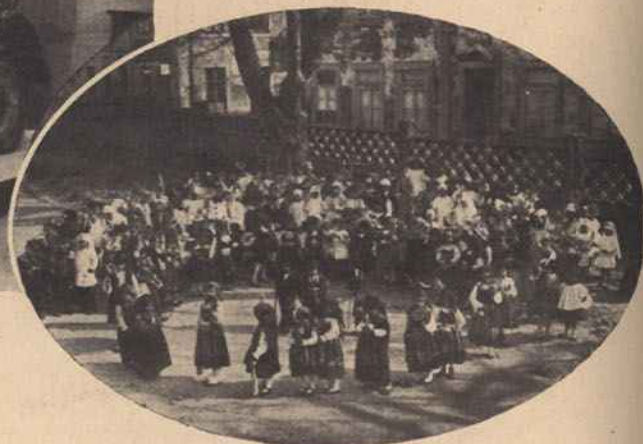


EM PARIS. — Seguindo o curioso costume das «Semanas das Escribas», vêem-se, nesta fotografia, Maurício Bodel, Prémio Goncourt de 1927 autografando para os compradores o seu novo romance «Molinoff», à esquerda; e Constantin Weyer, prémio Goncourt de 1925 à direita assinando também exemplares de seu êxito literário «Un homme se penche sur son passé».



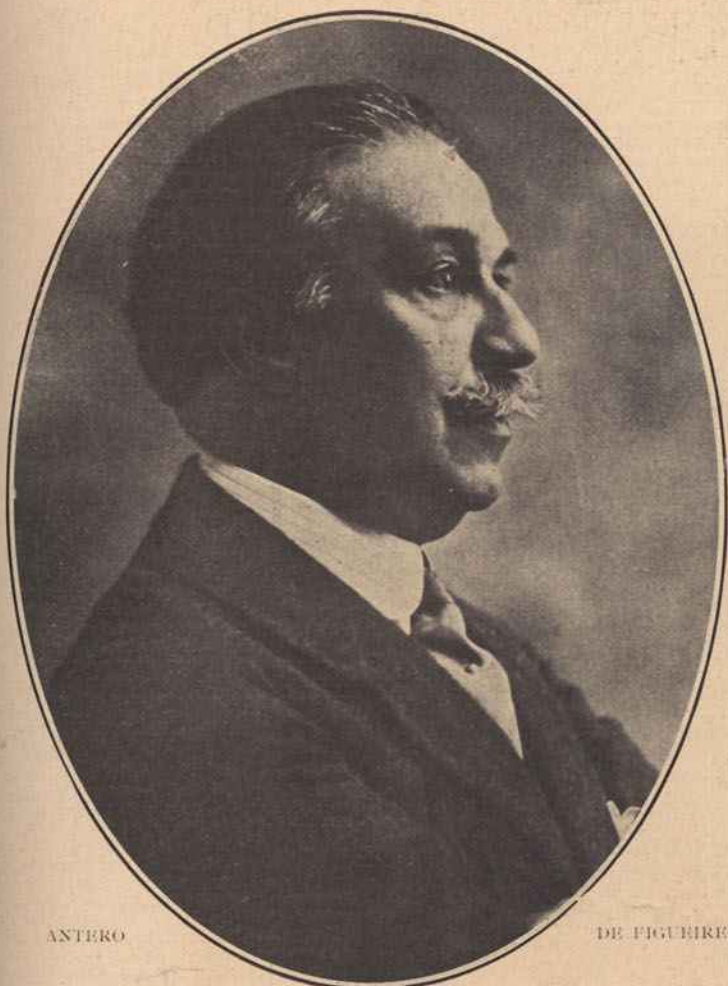
O automóvel «Chevrolet», modelo 1920, que os agentes daquela afamada marca americana ofereceram ao sr. Presidente da República por ocasião da sua visita à exposição dos ditos carros

NO OVAL DE BAIÃO? — O Carnaval dos crianças no Pôrto. Uma festa infantil na Escola n.º 1, à Praça da Alegria, em que os pequenitos deram uma nota deliciosa de alegria



O Salão da "Voga", do Pôrto, tem a colaboração da grande firma P. SOLER, representante da Casa Gaumont na montagem de haut-parleurs anunciadores

FIGURAS DO MOMENTO



ANTERO

DE FIGUEIREDO

O eminente escritor e admirado romancista que acaba de receber muiante consagração da crítica e do público pela aparição da sua nova obra «O último olhar de Jesus», o maior êxito mental, literário e artístico do ano, e de novas edições das suas obras primas «D. Pedro e D. Inês» e «Leonor Teles».



RODOLFO DA CUNHA REIS

Talentoso desenhista e querido colaborador que acaba de falecer, no Pôrto, com 20 anos incompletos.



JOSÉ SANTA CAMARÃO

O célebre pugilista português que aspira às altas classificações mundiais depois da sua «tournee» no Brasil e cujo fallado encontro com Jack Humbeck, deu origem a casos assás pitorescos.

(Foto Illustração)



JOSÉ LOPEZ RUBIO E EDUARDO UGARTE

Prestigiosos escritores da nova geração espanhola e nossos queridos companheiros, que acabam de obter o 1.º prêmio do Concurso do «A. B. C.», de Madrid, com a sua formosa peça «De la noche a la mañana», estreada com successo clamoroso por Pepita Díaz Artigas, a excelsa artista. Esta obra será traduzida para português pelo nosso director e pelo querido colega Novais Teixeira, devendo ser representada em Lisboa dentro de pouco tempo.

(Foto Lagos).



LUIS GALHARDO

Experimentado empresário e talentoso autor dramático que faleceu há pouco e cuja morte foi muito prantada por todos os trabalhadores e amadores de teatro.

No Salão da "Voga", no Pôrto, apresentar-se hão os produtos eléctricos, universalmente afamados, da SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE A. E. G.

LIVROS E ESCRITORES



EM CIMA: José Más
NO MEDALHO:
Joaquín Arderius



Luís de Oteiza



severas, esses são os intelectuais. Mas, condescendendo mesmo a encarar o problema dentro desse estreito critério da concorrência feita, pelo alheio, ao nosso livro: querem-na mais efectiva, mais insistente, mais feroz até, do que a que nos faz, desde velhas datas, o livro francês? Contudo, ainda ninguém pensou a sério

também nos procura conhecer, também lhes dá guarida nas suas casas editoriais. E dia a dia essa esfera de interesse se alarga mais, a ponto de já abranger os escritores das novas gerações. Ontora, só os consagrados conseguiam ser traduzidos em espanhol; hoje, já alguns dos nossos nomes moços circulam, a seu lado, nas livrarias espanholas, quasi numa atmosfera de carinho idêntica à que envolve ali há muito os seus irmãos mais velhos.

É disso prova e exemplo o aparecimento, registado agora, duma edição em lingua castelhana, galharda edição sob os dois pontos de vista, literário e gráfico, da *Novela do Amor Humilde*, do nosso ilustre camarada Norberto de Aranjó. Esse belo livro que entre nós alcançou duas largas tiragens dentro de breve espaço e continua ainda a ser muito procurado é lido. Dentro dele, das suas enternecidas páginas, estrecham corações bem portugueses, facto que mais realce nos leva a dar à sua transladação para o idioma vizinho, feita, com cuidados modelares, pelo distinto escritor galego Correa-Calderón. Essa novela, escrita por um sentimental para os que conservam dentro do peito o *lèlle da humana ternura* de que falava Shakspeare, retrata um dos aspectos mais típicos desta Lisboa fiel às suas tradições, com recantos onde o romantismo mantém vigosos alegretes: por seu intermédio, a gente espanhola, no volume agora aparecido, vai aspirar um pouco da alma bondosa e heróica do nosso povo. E, se parabéns devem ser dados a Norberto de Aranjó, pelo triunfo que o caso representa para o seu talento vibrante e moderno, esses parabéns abrangem também toda a nossa literatura, sobretudo a constituída pelos seus novos valores.

La *Costa de La Muerte*, de José Más; El *Diablo Blanco*, de Luís de Oteiza; e *Los Principes Iguales*, de Joaquín Arderius; são as três últimas novidades literárias espanholas que recebemos. Três novelas, e todas três fiadoras da riqueza admirável que esse género está usufruindo em Espanha. A primeira inscreve-se na literatura regional, a cujos mistérios o autor há muito anda afeito. Mas desta vez mudou de scenários: transferiu-se da terra sevillana, objectivada em muitos dos seus livros anteriores, para as terras da Galiza. E a acção começa a desenvolver-se, scenia a scenia, num meio piscatório, em contacto com gente rude mas boa, em geral, e com o mar que dá o pão a essa gente mas, tantas vezes, lhe dá também a morte. A prosa suggestiva do autor prende-nos aos destinos das suas personagens, que são de um grande relvô humano.

Joaquín Arderius escreven desta vez uma novela simbólica, incalçavelmente muito original no seu entreccho e, não menos, na sua estrutura. Dois príncipes gêmeos, doentes de orgulho, sequestram-se voluntariamente da vida, vivendo em seu palácio, sózinhos com um áio, à espera de que se lhes revele a existência de duas prin-

em revoltar-se contra isso. Um golpe de vista lançado sobre os mostrários das livrarias nacionais impõe logo a impressão de que o livro daquela origem é aqui rei e senhor: por entre as suas runas, o nosso esgueira-se, comprimido e tímido, como aldeão de jaleca e tamanca, que, por artes diabólicas, fosse cair em pleno baile de gente de engalanadas fardas e casacas! Porque motivo olhamos então de esguelha, como a adversários temíveis, as coisas escritas e impressas em Espanha, quando os nossos verdadeiros emulos são outros, de todos nós bem conhecidos e... estimados? Por último, outro aspecto do caso deve ser posto em foco. Trata-se de um confronto. Da França, apenas recebemos, e nem sempre o que é bom, pois, de mistura com o que de facto vale, vem também muita burndanga, consequência fatal de as letras se terem tornado ali uma verdadeira e rendosa indústria, por cujos produtos todo o mundo se mostra sófrego. É certo que há editores franceses que estão procedendo à versão para a sua lingua de muitas obras das literaturas estranhas, tendo mesmo essa atenção beneficiado já alguns povos novos, como o tcheco e outros mais; porém, de trabalhos de autoria portuguesa ainda essas colecções cosmopolitas se mantêm virgens, virgindade que, provavelmente, persistirá ainda por longos tempos, pois, salvo um número mui restrito de excepções, os franceses, mesmo os mais cultos, não dão por nós sequer geograficamente, quanto mais literariamente. Em suma, perante a França somos única e exclusivamente tributários. Ora, com a Espanha, não se dá o mesmo. Dá-se até coisa bem diversa. A Espanha faz hoje connosco um sério câmbio intelectual. Envia-nos os seus valores; é certo; mas também recebe os nossos,



Norberto de Aranjó

cesas de estirpe eleita e ao nível da dejes, com quem se possam consorciar. A leonura apossa-se dos seus cérebros e, ao cabo de episódios mui curiosos, o erro em que elles viviam é-lhes revelado pelo áio, que é, nada mais nem nada menos,

Há quem se amofine, com um turva onda de cúme a encharcar-lhe a alma, perante a insistência com que os livros espanhóis estão aparecendo entre nós. Mais um concorrente ao pobre livro nacional! — murmura-se com dolorida expressão, esquecido de todo quem assim murmura de que, dado o valor actual da peseta, moeda que, no mundo da finança, se pavoneia com grandes ares de quem tem dom e domínio, nunca um volume vindo dessa banda pode levar de vencida o volume similar editado aqui, em terras de Portugal, onde, digam o que disserem, o livro jamais chegou a ser caro, visto que, feitas com senso as contas, nem sequer atingiu ainda o preço que, à face da desvalorização sofrida pelo dinheiro português, tam doentinho desde a guerra, lhe seria lícito atribuir. Não; o livro espanhol não pode fazer sombra ao livro português, pela simples razão de que nos fica pelo dôbro deste. E que afectasse o mercado do nosso, vamos lá com Deus? Seria isso inteligente argumento para o hostilizarmos, para lhe empecermos o êxito, desde que ele o merecesse? As pátrias não se avigoram devido ao seu isolamento em relação ao mundo restante, e se há produtos que não toleram, na época hodierna, fronteiras fechadas ou, quando menos, aduana-

No Salão da "Voga", no Pôrto, estará representada a obra de JOÃO ANJOS, o famoso cinzelador, medalhista e esmaltador de Lisboa



ANTÃO RAFAEL MENGS

Retrato do Arquiduque Leopoldo da Toscana

MUSEU DO PRADO—MADRID

a própria mãe dos príncipes, a qual estes nunca tinham conhecido e que adoptara aquele disfarce. Trata-se de uma obra estranha, cheia de intenções filosóficas, amarga de certo, mas, repetimos, com o cunho dum forte talento literário. Nela, o que apenas nos desagradou foi a profusão da introdução. Mesmo sem essas páginas, a novela impõe-se hia ao nosso interesse.

Mas foi *El Diablo Blanco*, deste três volumes espanhóis, aquele que nos forneceu as duas horas mais regadas de leitura: há n'ella a fantasia própria das criações romanesca e há também todo o atractivo duma reportagem feita, por um sagaz reporter, na China moderna e revolucionária. Sim, esses dois elementos combinam-se á maravilha nesta novela. A história, narrada sob a forma de autobiografia, de Pedro Garcia Gómez, pacato guarda-livros que, por encargo comercial dos patões, parte para a China e, levado pelos acontecimentos, modifica tanto o seu eu, em successivas fases de adaptação demonstrativas do poder do meio sobre o indivíduo, que se arvora em chefe de bandidos chineses, ordenando e cometendo atrocidades iguais ás d'elles, — essa história, dizíamos, é das obras mais variadas de peripécias, mais bem temperadas de humorismo e enoção, mas cheias de imprevisão e de novidade para o leitor, que têm vindo nestes últimos tempos ao nosso encontro. Luís de Oteyza, que realiza bem o tipo

para as crianças, que o sr. dr. Mário Gonçalves Viana, delicado espirito de literato, nos acaba de oferecer. Cinco são as fábulas que o volume encerra, e todas ellas engraçadas sem disparates e moralizadoras sem pedantismo. Se o cronista tivesse filhos, não hesitaria em entregar-lhes esta obra sãda nas ideias e singela no estilo, singeleza que não exclui, todavia, a vivacidade de cores em certos quadros, como, por exemplo, no duma feira miúda, quadro pintado no conto *A vendelheira de ovos*.

Arvore em Flor é um dos mais sentidos livros de poesia que temos lido este ano. Nem sequer um verso banal, sem seiva emotiva, se encontra n'ello. O autor, sr. José Augusto de Castro, escreve-o com o próprio sangue, como certo filósofo aconselhava aos escritores que escrevessem sempre as suas obras. É, por excelência, um livro de amor familiar. Elegias, na sua maior parte, essas produções têm o dom de comover-nos. *Arvore em Flor*, sua copa é formada de folhas de ouro, mas as raízes dela, para que se desenvolvesse, fincaram-se, estalando-o, no coração dum homem!...

Como fizemos no fêcho da crónica passada, nesta continuamos a inventariar, resumidamente, as diversas obras cujo registro sofreu atraso. São ellas: *A Morte da Ulda*, romance de Carmen Marques, senhora que, após alguns anos de carreira jornalística, envergon há pouco a toga forense. A narrativa que o volume encerra e que por vezes se torna pungente, é mais uma obra combativa do que artística: ella pretende demonstrar a nocividade da educação religiosa ministrada ás crianças. Na *Musa Destrambellada* coligiu o sr. Xonxa Pinto uma porção de versos seus, uns irónicos, outros cróticos, e poucos sentimentais. Se o autor se contenta com o título de hábil e engraçado versificador, não lho recusamos; mas o de poeta, na aceção elevada do termo, não tem ainda, com este livrinho, jus a elle; *Como eu via França* enfeixa novas notas de viagem do professor sr. Carlos Santos, que anteriormente trouxera a lume um livro muito curioso sobre a Rússia moderna e com o qual o presente, embora não deixe de conter também curiosas observações, não poderá competir. Achamo-lo mesmo egotista. O autor, através d'ello, fala demasiado de si próprio. A França ali descrita insiste no cliché, tão vulgarizado, de uma nação que vive para a galantaria e onde os portugueses, amourosos até á raíz dos cabelos, encontram a mais propicia atmosfera para os seus devaneios. Estamos no século da velocidade, pelo que tudo que diga respeito ao automóvel, um dos seus símbolos, conta com um largo público. Daí acharmos muito provável que não fique muito tempo na edição inicial o livro intitulado *A Infilmação eléctrica por magneto ou bateria nos automóveis*, obra do técnico de automobilismo sr. Aureliano A. Barrigas, que illustra o texto com muitos esqumemas e desenhos. *Calicismo do Matrimónio*, por P. Joseph Hoppenot: trata-se da tradução duma obra de doutrina religiosa, tradução feita pelo sr. Zuzarte de Mendonça. Nela, sob uma forma suggestiva, estuda-se o problema do casamento á luz dos preceitos católicos. *As Farças*, publicação periódica redigida pelo sr. M. Ortigão Burnay, mantém o seu interesse de leitura. Crítica construtiva é a sua. Num dos seus últimos cadernos o autor fantasia, á maneira de Verne, uma visita feita a Portugal por uns aviadores da Ima. O contraste das duas raças de séres assim postas em contacto, é de véras curiosas. *Solução Editora* é uma nova revista de publicação de separatas, para a formação de livros. Oxalá a iniciativa vingue, porque é de grande préstimo! No seu n.º 1 encontra-se, além de variada colaboração, o começo de três obras de valor: uma de carácter religioso, outra genealógica, e a terceira relativa á aviação no



José Augusto de Castro

nosso país. Os fascículos VI e VII da *História da Literatura Portuguesa Illustrada*, tam opulentos iconográficamente como os anteriores, apresentam-nos os seus textos preenchidos desta forma: aquelle, pela continuação do estudo do sr. dr. Agostinho de Campos sobre o nascimento d'a nossa prosa literária, e por um belo resumo da reconstituição portuguesa do célebre *Romance de Amadis*, resumo de que o próprio restaurador, sr. dr. Afonso Lopes Vieira, se incumbiu; o último, pela conclusão do referido estudo do sr. dr. Agostinho de Campos, que n'ello passou em revista as individualidades e as obras dos nossos primeiros cronistas, desde o insigne Fernão Lopes até Duarte Galvão, sem esquecer Zurara, Rui de Pina, Vasco de Lucena e Fr. João Alvares, estes a bem dizer salútes do astro na história que foi o primeiro, e pelo começo dum ensaio em que o sr. Pidelino de Figueiredo evoca a figura de Garcia de Rezende, quer também como cronista de vida reais, quer como organizador do *Cançãoiro*, obra que reflecte a actividade poética do seu tempo. A arte cinematográfica, hoje tão expandida, gerou uma modalidade nova de literatura: a pequena novela que sintetisa o entrêcho dos filmes mais afamados. Aqui temos o tómo inaugural duma coleção portuguesa do género: *Ben-Hur*, extraída do romance de L. Wallace pelo distinto colaborador da nossa revista sr. Guedes de Amorim. Sobriedade de escrita, feliz escolha das scenas mais imponentes, equilibrio no desenvolvimento do extracto. *Indústrias de Braga*, pelo sr. Manuel de Araújo: curioso, oportuno inquérito sobre a actividade fabril da velha cidade dos arcebispos, onde á voz secular dos sinos hoje se mistura o silvo das fábricas. É um trabalho digno dum jornalista moderno e inteligente. *Das profissões liberais* é um estudo do sr. engenheiro Mário Borges, em que se versam muitos dos problemas da vida económica portuguesa. Há n'ello independência de critério, aliada a uma profunda observação das necessidades e possibilidades do nosso meio. O sr. José Valdez, seguindo talvez aqulle misantropico filósofo que affirmava estimar tanto mais os cães quanto melhor conhecia os homens, deuse a escrever um amplo tratado sobre a raça canina, seu ensino e sua hygiene, intitulando-o, pois, *O cão*. Obra dum médico-veterinário sabelor, ella interessará, sobretudo, os caçadores e os proprietários rurais, que são quem mais priva com esse prestimoso quadrúpede doméstico.

O trabalho manuais têm um papel saliente na pedagogia moderna. As lições de coisas, em contacto com a natureza, superam, e bem acertadamente, a instrução meramente livresca. Para servir, portanto, o nosso professorado primário nesse aspecto do ensino, publicou-se há pouco o *Guia Prático de Trabalhos Manuais Educativos*, de Rzequiel Solana, mais adaptado ao nosso meio pelo prof. sr. Manuel José António. Finalmente, por hoje, registamos o voluminho *Na corte do rei Laccan*, da nova coleção spara miúdos e grândilhos e que Fernando e Amélia escreveram, desenhando-lhe as illustrações o lápis de Pedro-a-Mendes. Diverte a história, ao mesmo tempo que vulgariza bons conhecimentos sobre a anatomia e o hábil do venenoso aracnídeo e d'outras espécies zoológicas. Porém, comtina-se-nos uma ligeira observação: para que empregaram os autores neologismos bárbaros neste seu trabalho, de índole educativa, e onde, por conseguinte, tudo deve ser correcto e singelo? Exemplo: *krealesco*, na pág. 40. Também nos desagradou a referência, bem depreciativa, feita ao homem, na pág. 38: segundo ella, o homem é o mais mácao de todos os bicharoccos. Sugerir desprezo, ás crianças, pela espécie a que pertencem, não nos parece pedagógico. Deixemos esses conceitos pessimistas aos filósofos de má catadura.

CÉSAR DE PRAS.



Dr. Santana Rodrigues

do escritor ambulatório, hoje tanto em voga, difficilmente nos tornará a dar livro mais curioso do que *El Diablo Blanco*, por mais que o seu talento se estorce e por mais exóticos que sejam os países de que elle nos venha amanhã falar. O presente, já pela maneira destra, nervosa, discreta, como elle foi tratado, attingiu o apogeo do interesse que uma novela de costumes e de aventuras nos pode despertar.

O sr. dr. Santana Rodrigues está conquistando um brilhante lugar na pléiade, não mui numerosa mas autorizada, dos nossos homens de sciencia. Muito estudioso e, para mais, dotado de nitidas qualidades de elocução, cada um dos trabalhos que traz a lume ministra-nos, a par de um ensinamento, um prazer. Verificamo-lo na *India Contemporânea*, volume abundante de informação, e nos três ou quatro trabalhos subsequentes, e tornamos a verifico-lo no opúsculo, agora saído, *O Crime e a Responsabilidade*, que é um valioso ensaio medico-forense, d'ello saindo um forte facto de luz sobre recantos ainda escuros da criminologia. Que é o crime? Onde cessa a responsabilidade do criminoso? E o erudito publicista vai expondo, com seguro método e elegância de linguagem, o problema, ora apoiando ora rebatendo as theorias correntes sobre a matéria, para depois estabelecer as suas conclusões, que são repassadas dos votos mais humanitários.

Literatura infantil, muitas são as penas que a produzem hoje; porém, nem sempre com acerto, isto é, com valor educativo. Muito do que por ali corre com tal rótulo, deveria á sofrer os rigores dum índice expurgatório, de tal modo, em vez de educar, deseducar. Este feio peccado não pode ser attribuido ao livrinho de *Contos*,



Dr. Mário Gonçalves Viana

No Salão da "Voga", no Pôrto, apreciar-se há o magnífico e finíssimo AZEITE SANTA CRUZ, produto de SIMOES, IRMAO & C.ª, LTD.ª, das Devezas — Vila Nova de Gaia (Pôrto — R. do Almada, 181)



CANTORES · E · TOCADORES · DE · COIMBRA



Passaram seis anos, com precisão. Nesses tempo, ainda a electricidade era um sonho para o município zeloso de Coimbra e as ruas tortuosas eram clareadas, apenas, pelo luar, quando este se dignava aparecer-nos de visita.



António Menano

Podia, então, a estudantada berrar, cantar, fazer distúrbios, leves ou pesados, sem que a tímida e amedrontada policia se intromettesse a velar, cuidadosa e ativa, pelo sono reparador tranqüilo e inocente do *fulrica* e familiar. A estúrdia reinava, ainda, campeando sem obstáculos e peias. Nós não conhecíamos o preconceito e virávamos as costas ao que se dissesse: não tínhamos vinte anos, sequer.

Entrou na agonia, depois dêsse ano da graça, a vida nocturna de meia boémia e meio romanticismo, com ceias portuguesas lusitanamente regadas, seguidas de bons discursos inflamados e de passeios vagarosos para os campos marginaes de Santa Clara, onde era belo e saboroso ouvir dizer bons versos; para o acabrunhante Penêdo da Meditação, onde era invocado com o auxilio de mágicas artes o espirito amedrontado de Antero; para o Choupal que os rouxinóis tornavam triste como um poeta lírico, ou para o Penêdo da Saíidade, pacifista e calmo. Os anos eram formosos, a vida era pulcra e breve, julgávamos.

Bons tempos! Bons tempos! Bons tempos!

Certa noite, altas horas vizinhas do nascer do sol, subia eu o Quebra-Costas, na companhia amável de meia dúzia de amigos. Tínhamos acabado uma ceia alegre na Baixa e fazíamos lentamente o caminho para a Alta,

rindo e cavaqueando com despreocupação, entusiasmo e barulho.

Ao começarmos subindo o segundo lance da escadaria estacaram nossos passos e nossa balbúrdia. Chegava até nós, melodioso e brando, o trino duma guitarra plangente e chorosa, acompanhada do amante violão.

—Amigos! Ouçamos!—bradou um do grupo.

Uma voz subiu, cresceu, chegando a nossos ouvidos, dando a ajuda à guitarra e ao violão:

*Igreja de Santa Cruz,
lôda de pedra morena...*

—Quem canta?—interroguei, caloiro para os cantores de Coimbra como para os Gerais.

—É o Menano!—informou um, numa attitude de reprimenda e saber, qual austero Lente que me elucidasse em matéria sobre que meus olhos não houvessem pousado.

O António Menano, dos fados e das canções! Vergonha das vergonhas! E eu não conhecia a sua voz! A voz do rouxinol do Mondêgo! Julgo que còrei, como se algum veterano, barbudo e inclemente, se divertisse comigo, em horas de troca e brincadeira, na Via Latina, gosando minha simplicidade de morgado recém-saído do paterno lar.

Continuámos subindo o Quebra-Costas, até nos quedarmos perante o cenário fantástico da Sé Velha, a essa hora batido por um luar claro e forte. Junto dela, um grupo estacionava. E eu vi, quando nos aproximámos, o António Menano, transformado ante meus olhos em mediovo trovador de rimance. Nessa noite, elle estava perdulario. Os seus fados e as suas canções, que todo o Portugal hoje conhece, foram por mim ouvidos religiosamente.

António Menano impressionou-me. Eu julgava o fado da baixeza da lama e o fado, dito por elle, era qualquer coisa que chegava às estrélas: uma canção romântica e sentimental, sim, quasi píegas mesmo, mas nada acanhante. Havia, até, uma résten de sol naqueles versos de que não se perdia uma sílaba, claros e fortes como o luar dessa noite friorenta e coimbrã.

E, quando nos pusemos em marcha para a Alta, a alegria espalhafatosa da nossa mocidade tinha desaparecido e nós éramos tristes como homens que caminhassem para a vida, pondo ao largo o sonho que enclhia as nossas almas. E, no entretanto, todos sonhávamos.

António Menano foi, assim, o primeiro cantor de Coimbra que eu conheci.

Depois, veio outro.

Certa noite, cabecava eu sobre códigos e *sebetas*, quando um muito querido Amigo e elevado Artista entrou no meu quarto, esfalfado e aquecido pela corrida feita, bradando:

—Vem daí! O Edmundo vai cantar.

—Qual Edmundo, homem de Deus?

—O Bettencourt!

Eu conhecia o Edmundo Bettencourt de nome e já antevira, passeando um tédio superior pela Baixa e repousando em cavacos às mesas da faceida Arcada, sua figura esguia e impressionante que me chocara, de bizarra e estranha. Sabia-o recolhido em sua orgulhosa modéstia e o raro que era ouvir a sua voz, cantando. Pressuroso, mandei ao demo *sebetas* e códigos, perseguindo o Amigo.

—Vai cantar para o terraço dos Grilos! Corre!

E corremos para a Couça de Lisboa, atravessando a Alta de lado a lado, até darmos com o Mondêgo que ia, não como nós, mas sem pressas, a reflectir o luar, igual a espelho de donzela presumida de sua beleza. Do terraço dos Paços da Real República dos Grilos — que o Oldemiro César já apresentou ao povo português, numa certa tarde em que foi Doutor *honoris causa* — do terraço, vinha ao nosso encontro, enquanto corríamos, uma voz que não mais pude esquecer e que saía:



Edmundo de Bettencourt

No Salão da "Voga", no Pôrto, estarão expostos os maravilhosos vidros artisticos da COMPANHIA INDUSTRIAL PORTUGUESA, melhores que os melhores do mundo

luz mal Na primeira noite de o ouvir, não consegui adormecer senão quando já ia alto o sol e sonhei com horrores e catástrofes. Se tivesse vivido em outras eras, teria acompanhado D. Sebastião a Alcácer-Kibir e lá morreria, ao lado da sua guitarra.

O Paradelá de Oliveira, que eu já elogiiei num artigo escrito depois da sua morte e que, para meu remorso de alegria, canta agora por Lisboa, a contrastar com cantadores do fado — curioso, sim, mas anti-higiênico — da Mouraria e do Bairro Alto. Evocando-o, lembro a mais Artista de quantas mulheres tenho conhecido, Mimi Aguglia, a felina, chorando, ao ouvir o Paradelá cantar:

*Coimbra que eternamente
ficará nos olhos meus!
Só quem te deixa é que sente
a tristeza dum adeus!*

O Lucas Janot, pequenino e efeminado, o rapaz que mais cantou por Coimbra, perulário, incapaz de negar uma trova a quem quer que fosse. Oh se o lembro!

tudo quanto toca o primeiro tocador de guitarra e um dos primeiros Artistas de Portugal. Nas suas próprias composições — não esqueçam que o Artur Paredes tem um original e poderosíssimo talento criador! — essa modificação opera-se, por motivo da sensibilidade vibrátil e dos nervos destrambelhados, dentro dum equilíbrio paradoxal.

As mãos são, na sua obra, um dos principais factores da vitória. É preciso ver tocar o Paredes: não basta ouvir tocar o Paredes. Aquelas mãos parecem, quando tocam as cordas da guitarra, o centro nervoso e o centro inteligente de toda uma vida: tudo comandam, julga-se. Ora alargam a guitarra numa curvatura de irmãs, ora a maltratam, numa instintivo repêlão de amantes ofendidas e torturadas. Quando o Paredes toca, segura a guitarra como se esta fôra mulher que ao amor quisesse esquivar-se e o seu corpo todo contorce-se, numa vibração voluptuosa.

A sua guitarra!? Há pouco tempo, ainda, escrevia-me um grande vulto da literatura espanhola, a quem eu indicara uma audição de discos portugueses: «Escutei o Paredes. A guitarra e o génio desse Homem valem tudo. Seriam a melhor embaixada que Portugal poderia enviar aos países aliados e inimigos: os aliados ficariam num deslumbramento e os inimigos render-se-iam. Porque não abandona a sua terra, vindo até nós mostrar-nos os primores da sua Arte? Sairia de Espanha rico, célebre, com a admiração de todos os nossos homens de valor e com o coração de todas as espanholas.»

Se o Paredes soubesse o valor da sua Arte!... Mas não o sabe, nem nunca o saberá, infelizmente para ele e felizmente para nós, que melhor poderemos escutá-lo. (Ah! o perverso egoísmo dos homens!)

E aqui está o friso das figuras coimbrãs! Alguns que eu lá fui encontrar, quando as Leis me chamaram, lá ficaram ainda, agora que as Leis me mandaram embora.

Voltarei a encontrá-los? Talvez, hoje mesmo, amanhã, depois, um dia, enfim... Quem sabe quando? Quem sabe onde?

ALBERTO DE SERPA.



Armando Góis

*Coimbra, menina e moça,
rouxinol de Bernardim!*

acabando por dizer duas vezes que

não há terra como a nossa

(haverá terra mais de todos nós que a terra dos estudantes?)

nem há no mundo outra assim.

Abracei o Amigo. Porque — minhas Senhoras e meus Senhores! — o Edmundo Bettencourt é, quanto a meu gosto e a meu entender, o mais extraordinário cantor que, nos últimos anos, tem surgido em Portugal. Ter-se, depois de um estudo sobre o Código Civil, a revelação dum alto Artista e dum poderoso emotivo é qualquer coisa de tão transcendente que só pode julgar-se experimentando: a suposição de nada serve, aqui.

Fiquei deslumbrado. O Bettencourt canta e encanta quem tem a graça de o ouvir. Conseguir um prodígio só alcançado por outro, de quem falarei abaixo: é português, é Poeta e (que delicioso Poeta!) sabe do fado e não é piegas. Da sua garganta preciosa, os sons não são gemidos, queixumes, ou ais mais ou menos melancólicos e tuberculosos: antes, lembram-me um excitante à força e à vida. Não fazem chorar, mas tem por isso deixam de fazer sentir.

Tive, depois, ocasião de ouvir o Bettencourt sem o favor da predisposição para o agrado. E em verdade vos digo que não há quem cante melhor na nossa terra de Poetas e Cantores, onde todos cantamos, mesmo chorando. (Tem razão o preocupado Silva Tavares!)

Depois, conheci os outros...

O Armando Góis, alma de medieval num corpo de mouro, o da voz que nos gela e nos



Paradelá de Oliveira

E quantos mais?! Quantos mais?!

Dos tocadores, apenas evocaréi um — o Artur Paredes.

O Artur Paredes é uma criança de trinta anos. Tem a ingenuidade dum bebê com quem se brinca e que nos diverte, possuindo, como certos infantes, o poder de nos deslumbrar com inesperados prodígios. Os seus prodígios são a sua formidável sensibilidade, as suas mãos de maravilha e a sua guitarra única.

A sensibilidade do Artur Paredes, rebelde e selvagem como duma criança, tem o poderio de, como nenhuma outra, tomar, modificar depois ao seu sabor e transmitir-nos, por fim, a Poesia que o nosso povo, o maior Poeta de Portugal, traz na sua alma, da hora da nascer à hora da morte. Já ouviram o Paredes tocar o *Fado do Hilário*? Toda a tristeza decadente dessa música foi por ele apreendida, composta e dada, após, tornada outra por obra e graça do divino milagre. E o que acontece com o *Fado do Hilário* dá-se com



Artur Paredes

CRONICA MUSICAL

OSKAR FRIED

Dão ao longe as onze horas da noite, — as 23 da hora moderna, — mas nem o sino novo precisava nem o sino velho era capaz de furtar-se à tradição; 23 badaladas, quem as contava?... A noite vai calma, com estrélas lá muito em cima, a scintilar sobre a soturna e viscosa rua de S. Paulo tal qual ela fôsse o mais formoso dos panoramas, provando assim um dos aspectos verídicos do provérbio: «quando o sol nasce é para todos»!

É eis que no silêncio e na tristeza da atmosfera, eleva-se e amplifica-se uma sonoridade como organística, em acordes afinados, encadeando-se com ritmo seguro, — espécie de hino em que perpassa harmoniosa alegria de viver adentro duma civilização viril...

A estranheza do facto depressa encontra a sua explicação: um punhado de alemães desembarcados de fresco, parecia, seis ou sete ao todo, — duas mulheres e o restante homens, — claros, fortes, sádios, confortavelmente vestidos, abancaram num botequim dos geminos, e depois da libação e das possíveis tentativas de conversação com os frequentadores da casa, entoaram, a quatro vozes diferentes, firmes por si só (♩), o cântico que resoa aos nossos ouvidos, quebrando modorricas e melancolias.

Tudo indica que se tratava de gente instalada na vida, sim, em virtude de parecerem seguros do seu officio, das suas habilitações, numa palavra, do seu lugar na vasta engrenagem humana, — mas nada da camada dita superior, nem de longe, tão pouco do profissionalismo musical, simplesmente algumas criaturas, semelhantes aos milhares de criaturas que formam a massa essencial dum povo.

Pois calcule-se o que seja esse sub-entendido amor à Música, amor à disciplina e seu cultivo, com o talento nato para a carreira que escolheram, e o desenvolvimento desse talento, isto é, o conhecimento absoluto da técnica e a compreensão do espirito que anima a obra, — e temos o maestro alemão Oskar Fried, que acaba de reger um concerto sinfónico no Tivoli.

No programa, o único trecho em 1.ª audição, um *Intermezzo* da ópera-cômica «Háry Janos» do magyar (húngaro) Kodály, a aproveitar amenamente motivos no género dos motivos húngaros já aproveitados e menos



Oskar

Fried

amenamente por Liszt e por Berlioz, sempre com tanto agrado do público, e, é certo, com tanta vida rítmica e tonal, não impediu que outras obras tomassem o aspecto de revelações bem maiores ainda. Não admira que o «Till Eulenspiegel» (Travessuras de Till), de Ricardo Strauss fizesse de 1.ª, — e, desta vez, inesquecível, audição; mas a maior surpresa foi justamente a 5.ª sinfonia de Beethoven!... «Porquê», pergunta Oskar Fried sem esperar pela resposta, *porquê é que certos chefes de orquestra fazem de Beethoven um pequeno burguês, acanhado, melicidioso, arrumado, quando Beethoven foi, afinal, um anarquista?!...*

É irrisório, é irónico, e é assim mesmo; depois de ter Beethoven em conta dum temperamento rico mas desordenado e destrambelhado, quando deram pela ordem prodigiosa da sua obra foram-se habituando a ver essa ordem com o comecinho assoado de almas comeczinhas, deixando-lhe apenas os sentimentos igualmente comecinhos que receiam o rubro, a tormenta e a fúria!

Depois duma pergunta, uma afirmação. Oskar Fried entende que, havendo só um Beethoven, só pode haver uma interpretação Beethoveniana. E apesar da coerência da afirmação, visto que a interpretação de Oskar Fried é semelhante à interpretação de outros maestros célebres, permitimo-nos discordar. Porque gostamos em absoluto desta 5.ª sinfonia de agora, — que era feita da chamada «dourdeur germanique»? — variada, gradual

ao infinito, soberba na força e luminosa na doçura, arrebatadora na violência, — não damos por impossível outra interpretação, diferente nos pormenores pelo menos, que nos venha dar a mesma impressão total de vida e de emoção.

Nas «Travessuras de Till», mesma firmeza de regência, mesmo persistência no trabalho aturadíssimo que a genial partitura requer. Oskar Fried sabe o que exige, e sabe exigir. Não acredita nos milagres, convencido de que o «milagre» é o trabalho, única e simplesmente; e verdade seja que entende por «trabalho» não só esforço físico mas também esforço intelectual. Não fôsem no entanto os «milagres», como se explicava a existência, precisamente, dos Beethoven, Wagner, R. Strauss, e outros seus iguais?...

«Oh... écoutez... écoutez!...» repete o grande maestro a todo o instante e todo o propósito, na conversa como no trabalho, e nas mais diversas intonações, — reparo ameno, paroxismo de desespero, dúvida, aprovação.

Um traço leve, ainda, para fechar. Oskar Fried, prussiano pequenino e rijo, que tem um passado glorioso, e, aos 57 anos, um futuro risonho longe ainda da decadência, guarda o seu maior orgulho para o esforço sempre constante do engrandecimento da pátria, e... para as maçãs que cultivava amorosamente na sua propriedade, nos arredores de Berlim!...

Fevereiro, 1929.

FRANCINE BESOT.

No Salão da "Voga", no Pôrto, estarão expostos os maravilhosos "Tapêtes de Beiriz" de Carlos de Miranda e D. Hilda Brandão de Miranda

FIGURAS ESTRANHAS DA NOSSA TERRA

UMA PESSOA ILUSTRE

QUE SABE MINUCIOSAMENTE O QUE
SE PASSA NO PLANETA MARTE

Na aprazível litta de Cascais, em frente da estação de Parede e ao lado do edificio do Casino Oceano, ergue-se, dentro de um parque cheio de sombra e de silêncio, um palacete acidentado, de janelas sempre cerradas, às quaes nunca se viu assomar vulto humano. Faz lembrar, pelo mistério que o envolve, um solar desabitado, onde em tempos se fivesse desenvolvido algum daqueles tremendos dramas de família de que são tão fortes os romances de Camilo.

Mas dentro daquele edificio, aconchegado na sombra protectora e espessa dos altos pinheiros mansos, vive um homem que todo o país conhece, que algumas academias estrangeiras homenageiam adoptando nas escolas superiores seus compêndios scientificos e que a politica portugueza dos primeiros anos da República arremessou para a celebridade ruidosa e demolidora do ridiculo.

Esse homem escondido, isolado como um monge na paz do seu mosteiro, é, pelo recato de sua vida, pela variedade extraordinária das suas faculdades criadoras e pela estranheza e originalidade de alguns dos seus actos, um excêntrico — um excêntrico como o são quasi todos os sábios. Mais de trinta são as suas obras publicadas, quatro delas, salvo erro, escritas em francez; e a diversidade de temas que aboradam demonstra, ao primeiro golpe de vista, o poder assombroso do cérebro que as concebeu. Assuntos de nautica, de engenharia, de agricultura de politica e literatura, de apicultura e poesia, de teatro e navegação aerea, de astronomia e meteorologia, vamos encontrar, tratados nos seus aspectos mais difficeis na obra desse homem excepcional — hoje um velhinho simpático e modesto, tão modesto que, no recio de fer-lo nos seus mais intimos sentimentos, hesitamos em escrever aqui, publico e raro, o seu nome bem conhecido: José Nunes da Mata.

Há anos, foi muito falado e discutido a propósito de uma tragédia, — *Frei João Mochô* se intitulava ella, — que seu poderoso punho escreveu e um grupo de estudantes, arrojadamente, levou à scena em recita unica, mas tão longa que ameaçava jamais ter fim. A critica teatral, que é facil no comentário azedo às produções de real mérito, despejou sobre a peça e seu autor cabazadas de ridiculo, e o exagêro lisboeta notou que, em certa scena — a scena verdadeiramente trágica e culminante da obra — inúmeros personagens, judeus do tempo de Dom Manuel I, para se salvarem dos horrores da matança cèlebre, se suicidavam successivamente, passando cada morto o punhal libertador ao seu irmão em creanças. Ora, não seria de estranhar que tal caso tivesse occorrido porquanto, dado o espirito de avareza que aos judeus é geralmente attribuido, de admitir seria que cada morto pensasse em emprestar aos que ficavam o seu punhal a fim de poupar o gasto inútil de outras armas.

Mas o ridiculo levou os espectadores da tra-

gédia a exagêros condenáveis. Se, na verdade, *Frei João Mochô*, conforme no prefácio da segunda edição o seu autor confessa, é um trabalho longo, demorando em scena o tempo de sobejo para a representação de duas longas peças, o caso do punhal, porém, não merece censura porquanto — pelo que lemos com estes dois que a terra há de comer — cada personagem depois de morto não pensa mais em mexer-se, à excepção de um ambicioso e avarento Mem Bagallo que, pelo hábito de tudo poupar, até poupar a vida, fingindo que se matava,



José Nunes da Mata
vice-almirante do quadro auxilia e lente jubilado
da Escola Naval.

Mas parece que chegou a ser moda trocar do illustre homem de letras. Há dias, um colega meu contou-me que, encarregado por um jornal de grande circulação de entrevistá-lo, o foi encontrar no jardim a podar arbustos e, ali mesmo, tesourou em punho, cortando aqui, cortando acolá, den início à entrevista. Num dado instante cortou o fio à conversa para chamar a atenção do jornalista para uma folha de roseira onde se aninhava um desses insectos, cujo nome me esquece, de cauda bi-partida em forma de tesoura.

— Vê este bichinho? — disse o pensador — Dá cabo das plantas. É um parasita. Com esta cauda corta a seiva às flores mais delicadas, como o Afonso Costa e outros politicos cortam as energias ao país.

Dito isto, proseguir na sua faina de jardineiro e no diálogo bem diverso e decerto transcendente, que momentos antes interrompera.

Não vejo neste episódio o ridiculo que a pessoa que me contou pretende notar, pelo contrá-

rio, adivinho através d'ele o espirito arguto e subtil do almirante sr. Nunes da Mata.

Bem sei que o eminente escritor tem por estes gracejos o mais soberano desprezo. O seu pensamento paira muito acima das coisas mesquinhas do nosso planeta; eleva-se a regiões mais altas, mais puras e inacessíveis aos que rastejam, quaes vermes de cauda bi-partida pela folhagem dos arbustos... O seu pensamento ergue-se até lá acima, aos astros longinquos que rolam no espaço infinito e desvendam-lhes os mistérios insondáveis; passcia à vontade, sem receio de errar no caminho labirintico, por Saturno, Neptuno e Marte e sabe da vida de seus estranhos habitantes como nós podemos saber da vida dos vizinhos. E se, por acaso, a sua atenção se desvia das alturas incomensuráveis e se fixa nas coisas terrenas é para as surpreender em sua beleza e harmonia, em seus segredos e enigmas de criação. Assim, Nunes da Mata, sendo um astrônomo sapientíssimo, conhece tão bem, como os costumes e tradições martianos, os hábitos das abelhas e a construção dos violinos, que tornou mais sonoros e melódicos com a applicação de um aparelho de sua maravilhosa imaginativa.

«Deve ser estimável o convívio d'este homem», pensei, um dia. E a idéa de, por meu intermédio, o pôr em comunicação com os leitores da *Illustração*, com a mesma facilidade com que elle comunica com os habitantes de outras planetas, começou a apaixonar-me.

Não foi, pois, sem uma certa comoção, que por uma tarde fria de Inverno, me abeirrei do portão da cerca solitária e sombria que envolve a sua casa num abraço de paz. Espreitei pelas grades uma léia coleante através do arvoredo. Minha mão puxou, a médo, o arame da campainha que soon lá longe: — *Uão... Uão... Uão...*

Abriu-se o portão misteriosamente, por corda invisível. Não apparecia viva alma. Hesitei em entrar. Por fim aventurei alguns passos sobre a areia fina do jardim. Já perto da residência, uma voz inquiriu de meus intentos. Deparei com uma criada velhota e simpática — uma dessas criadas reliquia de família que surgem nas novelas brandas de Júlio Denis. Disse ao que ia e mandou-me ella entrar de volta, do outro lado do edificio, por uma porta que se me abriu, franca, ao alto de uma escadaria de pedra.

Introduzido numa sala modesta, assenda e sóbria, aguardei durante largos minutos de impaciência, pensando naquelas mil e uma coisas diversas em que é costume pensar-se quando esperamos ansiosos qualquer grande acontecimento. Pensei principalmente no meu entrevistado: na justa fama de benemerito que goza em Parede; no carinho que elle vota a esta terra privilegiada da linha do Estoril; nas árvores que elle mandou plantar e os vândalos destruíram; numa estrada que, de seu bolso, mandou concertar, embargando-lhe a Câmara as obras por falta de uma licença; numa conferência encantadora que fez sobre educação e no terreno que cedeu para nele se construir a estação telegrapho-postal, que

No Salão da "Voga", no Pôrto, far-se-hão ouvir as últimas criações de "His Master's Voice", a marca de gramofones e discos de maior fama

ainda se encontra instalada num pardieiro mísero e acanhado. Pensei que a única lei sobre apicultura, existente em Portugal, é da sua autoria; que a melhor tábua política de todo o mundo, hoje adoptada nas escolas náuticas italianas, foi feita por ele. Pensei...

Passos vagarosos no corredor e o almirante Nunes Mata entrou.

É mais baixo do que alto, curta barba de neve, rosto rosado e olhos brandos, sorriso cheio de bondade. Envolve-o um largo sobretudo de fazenda áspera que faz lembrar vagamente o hábito de um monge.

Olla-me com simpatia, manda-me sentar e aguarda.

Aguarda que eu lhe faça perguntas, que o entreviste. Mas que perguntas poderia eu, pobre ignorante, formular a um homem da sua capacidade? Que horas eram em Shangai? Como

viços públicos; serviços autónomos e colónias autónomas... Olhe, outro assunto muito interessante: barbeiros-enfermeiros de aldeia; Escola Naval e Escola de Guerra; Escolas Primárias e Escolas Superiores; defezo dos portos e costas de Portugal; portos de abrigo em Buarcos, Cascais, Lagos e posto internacional na ilha de Pôrto Santo; poderia ainda falar-lhe das belezas da Madeira, o sanatório do Atlântico; do Estreito de Gibraltar e o chamado Dilúvio Universal; de caminhos de ferro; do comunismo e individualismo...

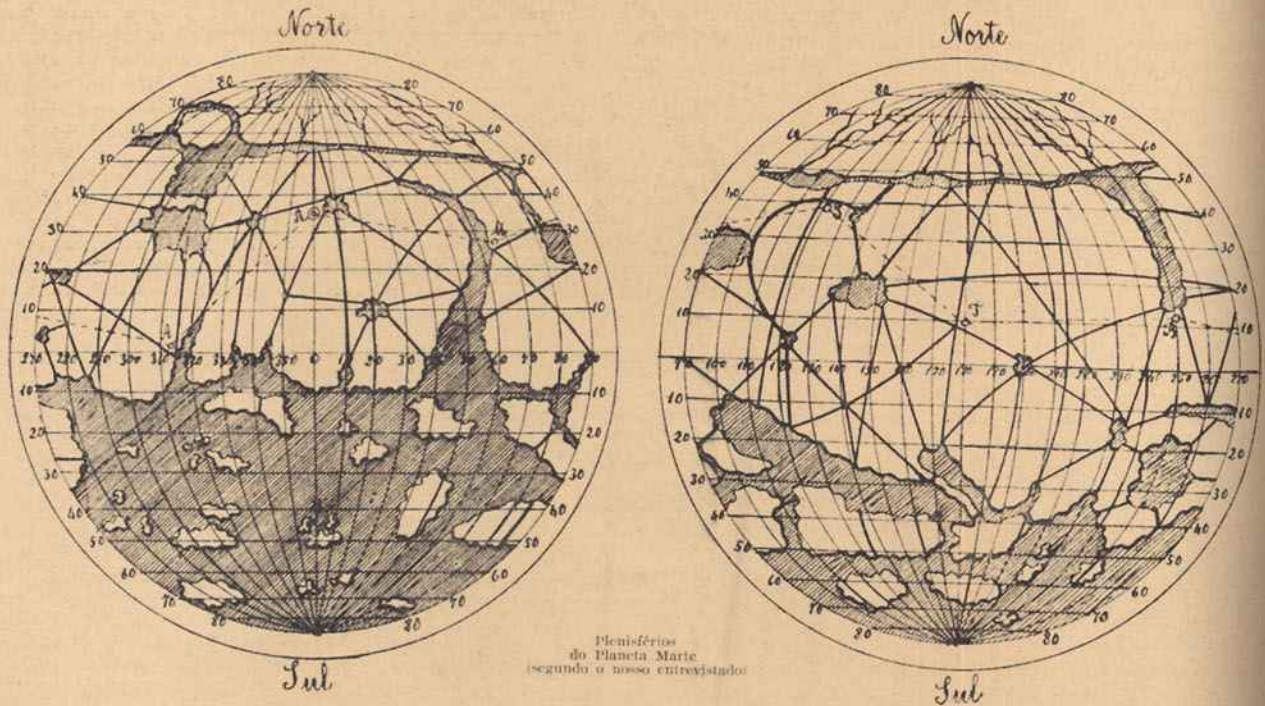
E suspenso à espera de uma palavra minha, de uma preferência, de um gesto, de uma exclamação — mas eu encontrava-me absolutamente aturdido e incapaz de um pensamento lúcido, tanto a minha atenção voltejava desorientada de assunto para assunto, todos eles atraentes.

que se pretende formar uma sociedade perfeita e bela?

Calei-me bebendo avidamente as suas palavras. — São necessários — prosseguiu — alguns milhares de anos de lenta preparação, purificando a raça humana, seleccionando-a física e moralmente, espalhando por todos os cantos ensinamentos de higiene, de educação literária e científica, para se chegar à sociedade ideal, ao ambicionado paraíso terrestre. Temos de imitar o que se fez em Marte...

— Em Marte?!

— Sim, em Marte — afirmou, convicto. — Al existe de facto o comunismo no verdadeiro sentido do termo. Os homens são todos irmãos; as doenças desapareceram porque uma sábia selecção, feita através dos séculos, criou uma humanidade sã de corpo e de espírito; não há propriedade privada, isto é, tudo é de todos;



Pleniférios do Planeta Marte (segundo o nosso entrevistado)

fazem as abelhas o dourado mel? Se os marcianos eram como nós? Não, decididamente não me exporia ao ridículo de lhe fazer perguntas. R disse-lho, com o coração nas mãos. Ele que escolhesse um tema de sua preferência, e sobre o qual faria eu um diálogo com aspecto de entrevista.

Sorriu paternalmente e em voz afável, para não me assustar, objectou:

— Assunto de minha preferência? Poderei falar-lhe, por exemplo, (semi-cerra os olhos tateando no fundo do pensamento) poderei falar-lhe da influência da instrução na educação e no cumprimento dos deveres sociais; no meio de evitar o crime; no meio único de evitar as guerras e de promover a abundância, saúde e robustez para todos os entes humanos; também lhe poderia dizer alguma coisa de interessante, se quizesse, sobre a transmissão de sinais entre os habitantes do planeta Terra e planeta Marte; ou talvez lhe sirva outro tema curioso: o passado, o presente o futuro da humanidade; ou a influência da Música no carácter dos homens; arborização das estradas e apicultura; navegação aérea e navegação marítima; o nú das mulheres e o tação alto; ministérios e ser-

Timidamente, como um colegial chamado à lição, arrisquei, entre dentes, uma palavra:

— Comunismo...

O meu entrevistado sorriu um bondoso sorriso. Eu aventurei mais algumas palavras:

— A vida... sim... a vida no planeta Marte... A influência da instrução na educação...

E detive-me, assustado com o meu arrojio em falar tanto em frente de uma pessoa que deveria estar pezando, com a balança de precisão da sua vasta cultura, a minha transparente necessidade.

Houve ainda um leve sorriso de imperceptível protecção nos seus lábios.

— São temas vastíssimos esses, meu amigo. O comunismo, por exemplo, é um problema de educação e instrução. Enquanto a humanidade estiver, como está, mergulhada na mais profunda ignorância, jámais será possível estabelecer o comunismo. O que está na Rússia não é comunismo, é despotismo, e do mais brutal e atrozado. Os homens não sabem respeitar-se uns aos outros, ignoram os mais elementares deveres sociais, encontram-se eivados de vícios pavorosos. E com esta massa inculta e ruim

o trabalho é uma lei geral; vive-se até aos cento e cinquenta anos; não existem fronteiras, todos são irmãos; as artes e as sciências atingiram um esplendor extraordinário; a força armada desapareceu, por desnecessária e a paz universal é um facto insofismável.

Estava maravilhado. E o meu pensamento, arreído já do que o meu entrevistado dizia, afastava-se para muito longe, muito longe. Meu corpo encontrava-se ali naquela sala cheia de penumbra, perante um ancão de olhar doce, evangélico, e palavra mágica, mas o espírito saíra subtilmente daquela casa tranqüila para se despenhar no espaço, em busca dêsse Eden esplendoroso onde só se conhecia a beleza e a virtude, e os homens inocentes atravessavam uma longa vida de século e meio, de mãos dadas, sorriso de ventura nos lábios, olhos plenos de alegria luminosa, coração transbordante de bondade.

Quando voltei à realidade — a triste realidade daquele dia de Inverno — sobraçava uma rima de livros — as obras de Nunes da Mata — e despedia-me affectuosamente do meu entrevistado.

MÁRIO DOMINGUES.

No Salão da "Voga", no Pôrto, estará o rei dos criadores de chapéus, TATA, "chapelier en vogue", medalha de ouro do Salão de Outôno

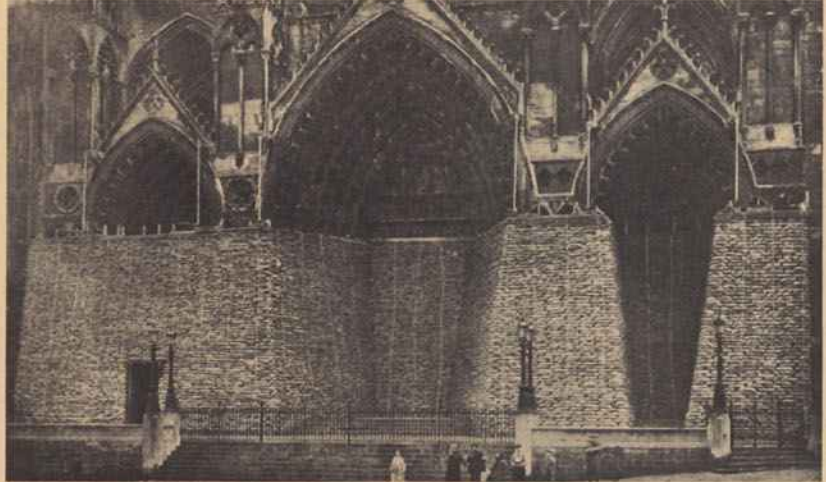
NOS CAMPOS DE BATALHA DA FLANDRES

(NOTAS DE VIAGEM)

(Conclusão)

AMIENS. — A velha capital da Picardia não tem preguiça a madrugar. Ainda corre nas ruas estreitas, sobre a água morta dos canais, na sombra choca dos beirados, um arzinho de noite, e já as portas se abrem de par em par, rolam as corredeiras nas lojas, zumba todo o bulleio da activa e numerosa colmeia humana. Também a noite foi pesada como o chumbo e longa, interminável, destas noites rurais sem convulsões nem quebra e que parecem uma amostra da eternidade. As 9 horas, a hora do *couvre-feu* dos antigos tempos, um polícia na pequena Praça do Relógio era como uma figura descommunal, desolada, deslocada, tão esquecido de si como Pedro o Eremita, ali perto, de cima do seu pedestal de pedra, dos Lugares Santos. A electricidade dir-se hia que illuminava para exercer apenas um papel de preenchimento; tudo dormia e até a beira do rio, uns padieiras das muitas alfurjas, onde recebe a Vênus mercenária, a luz das lanternas vermelhas, numeradas, cansava-se de chamar, adormecida.

Uma bruma leve, gelada, que veiu do Norte com a noite e encontra agora o bafio do rio e dos inúmeros canais e caualetos para se alimentar, envolve a cidade. É como um crepe muito diáfano, da cor da cinza. Desce dos telhados, arma no vão das ruas a sua malha subtil, e embrandece as pedras da calçada, abafando os passos. Tem a cor dos ermos horizontes e parece ter trazido de longe a mudez da campina imensa. Amiens, não obstante as suas fábricas e teares, a fama fluvial, as 93.000 almas da sua população, é uma cidade silenciosa. As ruas vão coalhadas de gente; os talhos e as casas de sêcos e molhados, regorgitam de clientela; os sinos de S. Len e de S. Germano chamam para a missa — e nada se ouve, ou todos os rumo-



A Catedral de Amiens durante a guerra

os obuzes e torpedos aérios. A catedral esteve enfaixada de sacos de areia até acima dos pórticos durante muitos meses. O *Belo Deus*, de olhos extáticos para o mundo, deixou de pisar a víbora e o basilisco com sua planta de dominador; a *Virgem Doirada*, com o menino na anquilha, por muito tempo faltou com o seu sorriso jucundo às mãos que passavam; emurados, os profetas e os evangelistas emoiteceram, falhos da luz do sol.

Mas o furacão passou; a catedral admirável perdurou intacta para glória do génio humano; o antigo Bailio, a igreja de S. Remi, a casa do Sagitário foram reparadas. Da guerra ficaram para Amiens bilhetes postais illustrados, a inevitável canção de gesta e o infalível monumento aos mortos.

Na rasa planície flamenga, a dentro do perímetro em que os nossos soldados *ont cassé les rebis* — na frase do general Cappel — à ofensiva alemã, ergue-se também finalmente, uma memória aos mortos de Portugal. A êles a crêmos consagrada pelo que consta, que não pela legenda: *Hommage du Portugal à la France Immortelle. Réduit de Lacouture*, assim enfática e exclusiva. Embora, com filigrana manuelina, à láia de crencis, na empena truncada, um Cristo, no reverso, ao estilo das *alminhas* da terra portuguesa, ali assenta, ali está à beira dos caminhos como ex-voto da nossa infinita piedade. E a despeito das palavras omissas, das palavras que deviam indentificá-lo, aquelas pedras brancas falarão como a página mais vivida da História.

O nosso exército, o exército que ali veiu bater-se um pouco nas tradições do Magriço que rompen lanças por damas formosas, envergonhadas, não fez penitir, de certo, o prato da balança militar, mas constituiu um contingente apreciável. Com mil homens, não menos, e, a julgar pelas qualidades de

resistência, iguais àqueles com que outróra Anibal, depois de atravessar a Espanha, a França, os Alpes, fez tremer a grande e invencível Roma. Uns como os outros haviam sido recrutados nas serras e vales lusitanos, criados ao mesmo libere e, se a crónica não é fabulosa, indenticamente sóbrios, tenazes e estoicos a morrer.

Com este exército consumimos bons recursos da nossa economia, doze milhões de libras, que estamos a pagar com esforço, mas pontualidade. A cota moral, que representa a nossa intervenção ao lado dos aliados, acusa relêvo maior ainda. Quando nos lançámos na refrega não era a hora auspiciosa em que chegaram os Estados Unidos com a



O *Belo Deus*, da catedral de Amiens

res, todos os sons passam pela inalterável taciturnidade do grande burgo sem o ferir, à margem, como trovada no longe.

Está ressarcida da guerra a cidade em que Roberto de Luzarches ergueu a igreja ogival por excelência. Ocupada durante doze dias pelos alemães, em Agosto de 1914, ao tempo da marcha *nach Paris*, novamente esteve em riscos de ser invadida quando da grande ofensiva de Ludendorf. Sobre ela choveram



A nave da Catedral de Amiens; a mais alta, no género, em estilo gótico

No Salão da "Voga", no Pôrto, exporá ALINANDA o livro "Arte de Bem Comer", uma maravilha num "stand" maravilhoso de pitoresco

sua torrente inexgotável de homens e de dólares. A cada passo, como no ring, os aliados toçavam as costas no chão. A vitória destes era mais que problemática. Os triunfos alemães pareciam, para muitos, etapas certas dum largo plano concebido e em prossecução segundo leis matemáticas irrefragáveis. Ninguém fazia segredo desta maneira de ver.

Seria curioso conhecer a mecânica da nossa intervenção, desde os factores de ordem rea-



O anjo que chorou, da Catedral de Amiens; escultura muito admirada, posto que mediocre

lista e nacional até os factores de ordem psicológica, com suas actuantes e imponderáveis. A cartada foi jogada em atitude de desespero ou com o cálculo estabelecido de ganhar?

A primeira declaração, lida nas Câmaras pelo ministro dos Estrangeiros, foi o que se chama um hábil instrumento diplomático, oportunista, cedendo campo e guardando campo, unanimemente louvado. Daí até o estado de guerra mediaram tempos e interpuzeram-se muitos e graves sucessos. Alguns destes, da exclusiva responsabilidade de Portugal, denotavam o propósito, se não de suscitar o *casus belli*, de actuar útilmente ao lado dos aliados. Seria candura supor que os nossos dirigentes não previam a resposta. Deviam-na ter previsto e a dialéctica como que se decidiram teria sido esta: Se Portugal se conserva de braços cruzados, inevitavelmente pagará *les pots cassés*, quer em proveito da Alemanha vencedora, quer em holocausto da civilização e dos seus campeões, juntamente com a Alemanha vencida.

Verdade seja que, segundo afirmações dum diplomata alemão, o «kaiser» se teria prestado a lavar do seu próprio punho um compromisso que garantisse a Portugal, a tróco da neutralidade, a integridade dos territórios mas que ministro se abalanzaria em Portugal a selar tão perigoso e fátuo protocolo?

Formando a par dos aliados, duas hipóteses se deparavam: a do desastre, e perderíamos o que, observada a neutralidade, estava irremediavelmente comprometido, aumentando do esforço de beligerante; a do triunfo, e,

pelo menos, escaparíamos a ser o bode da expiação.

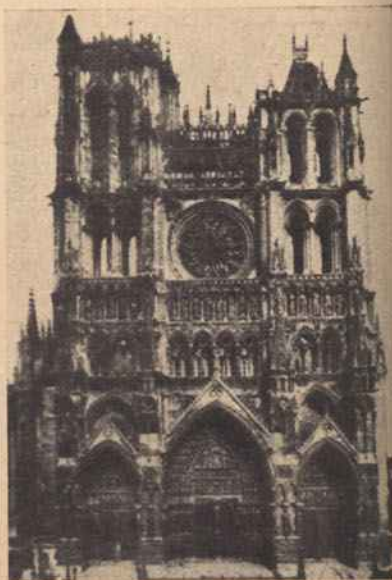
Que os nossos políticos tenham medido na larga curva dos acontecimentos o alcance da nossa intervenção e, ainda, o desfêcho do conflito, equivaleria a attribuir-lhes uma intuição única na Europa. Não os imaginemos a consultar M.^{me} Bronillard, mas sim, dotados de certa sensibilidade, a tactear na sequêbra.

Outros argumentos, como a nossa posição política perante a Espanha, a quem os aliados estavam gratos por toda a sorte de cooperação encapotada, reforçavam a tese da participação. E, possivelmente, outras razões menos positivas, como defesa da Liberdade, do Direito, da Justiça e vários e ponderosos truismos tenham influido na consciêcia dos políticos. Que assim fôsse, a razão utilitária bastaria para justificá-los, ainda que nunca mais se exgotassem as provas da controvérsia. Que a sua política foi a mais acertada, proclamam o seu próprio êxito.

Aos aliados, que menoscabam quando não aviltam o auxílio que lhes prestámos poderíamos dizer com desvanecimento que pegámos em armas passávamos êles um mau quarto de hora; e, em consequência, seria ainda legítimo exigir-lhes que, reconhecessem, se não o nosso espírito de sacrificio, ao menos o nosso espírito de decisão. Mais que isso, ainda, poderíamos reclamar a honra e o proveito de grandes obreiros da vitória. Não pelo contingente dos nossos homens e dos nossos capitais, assoberbado no *mare-magnum* dos exércitos e no sorvedouro dos milhões. Mas porque Portugal foi o primeiro, dentre os países que não tinham interesses imediatos em jogo, o primeiro a romper a linha da neutralidade. Fômos a nação que, na roda das nações assarapantadas a ver o temível lidador do Norte derrubar, esmagar à direita e à esquerda, gritou exaltada, perdê-se-nos o termo: — mata que é danado!

Tivemos a audácia de iniciar a *escouade*, no conce da qual, com ares de flegma, mas de certo trocada pelo alarido universal, vein a América do Norte com a sua decisiva força.

Mobéis idénticos, observada a transposição, tanto podem conduzir homens como



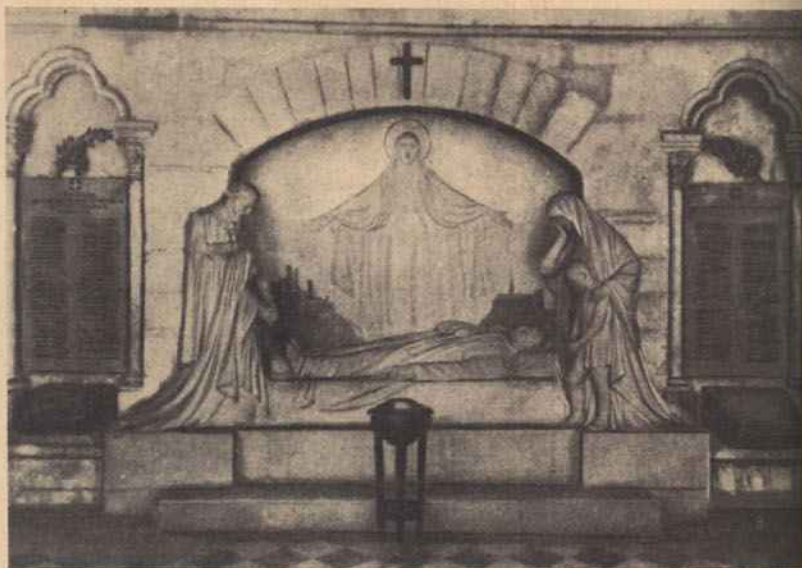
Frontaria da Catedral de Amiens

colectividades. O factor sentimental move igualmente aqueles e a estas. Será exagero supôr que, no estado de exaltação em que o mundo se acajava à volta de 1914, o rasgo de Portugal não causou assombro e contágio?

Mercê duma política descontínua, nem sempre bem orientada, o significado da nossa beligerância passou despercebido na Europa. A fatalidade da nossa pequenez, se não uma fatalidade argamassada por nossos êrros, pesa sobre os destinos e a marcha da nacionalidade. Que os estrangeiros, por ignorância ou egoísmo, nos releguem a plano indêvidido e nos esqueçam, compreende-se com o desespero na alma; o que não se admite é que sejamos nós próprios os agentes dessa penumbra. No monumento de Laconture é preciso acrescentar:

Aux soldats portugais, tombés en France, le Portugal reconnaissant.

AQUILINO RIBEIRO.



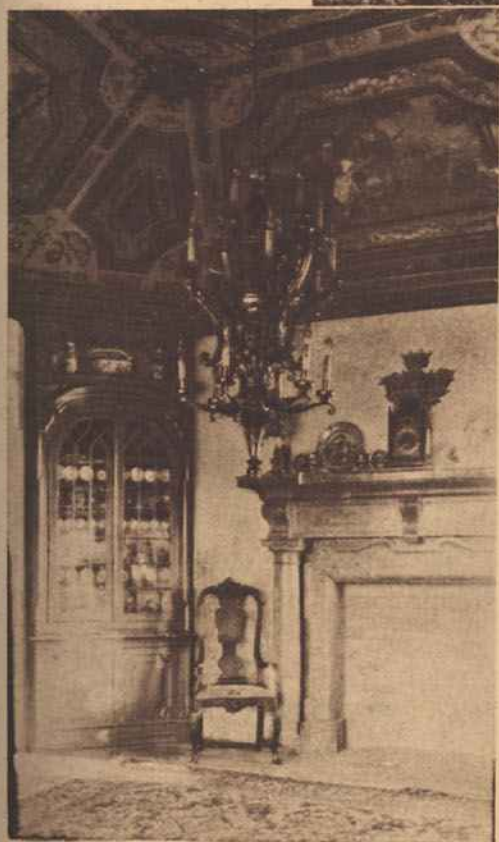
Monumento aos mortos da guerra (A. Rom)

No Salão da "Voga", no Pôrto, figurará um sensacional "stand" do grande jornal do norte PRIMEIRO DE JANEIRO

A CASA PORTUGUESA

CASA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA PAÇO DO LUMIAR

NO SEU DÉCIMO NÚMERO PUBLICOU A «ILUSTRAÇÃO» ALGUNS ASPECTOS INTERIORES DESTA PROPRIEDADE DO SR. FERNANDO LUÍS BOY DE SOUSA ROXO. COMPLETAMOS HOJE A SÉRIE DE REPRODUÇÕES COM UMA VISTA DA SALA DE JANTAR ÚLTIMAMENTE CONSTRUÍDA E ASPECTOS DO EXTERIOR DA CASA. DA PARTE ANTIGA REPRODUZIMOS A FACHADA SOBRE A ESTRADA E O TRUÇO QUE DÁ PARA O JARDIM, COM SEU ESPLÊNDIDO PAINEL DE AZULEJO POLICRÓMICO. NOVO É O PAVILHÃO DE LARGO



ENTRADA QUE CORRESPONDE À SALA DE JANTAR. ESTA FOI DECORADA NO ESTILO SETECENTISTA PORTUGUÊS E ENCERRA, ALÉM DO GRANDE FOGÃO DE MÁRMORE, ARMÁRIOS DE CANTO E UM RICO TETO EM CÚPULA GUARNECIDA DE PINTURAS QUE A OBRA DE TALHIA DOURADA FAZ SOBRESAIR

Arquiteto decorador da parte nova — R. L.

(Fotos obtidas com aparelho «Kodak» autográfica)

A REPÚBLICA DE CUBA

E O SEU PROGRESSO MATERIAL EM 25 ANOS

NOTAS SOBRE A
PROSPERIDADE DA
BELA REPÚBLICA
SUL-AMERICANA

A OBRA DO DR. CARLOS MIGUEL CESPEDES, MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS DE CUBA

A República de Cuba, a última das colónias espanholas que conquistou a sua liberdade depois de fervida luta, preñe de heroísmos e sacrifícios, constitui hoje uma das mais robustas realidades políticas do conglomerado de povos sul-americanos nutridos pelo fidalgo sangue peninsular. Em vinte e cinco anos de vida independente, Cuba soube colocar-se em lugar de honra do movimento progressista da América, ganhando em nobilíssima luta, a reputação de que justamente disfruta.

Durante os últimos quatro anos, sobre tudo, o desenvolvimento de Cuba, nas mais diversas fórmulas de actividade, tem sido ver-



Vista da Praça da Fraternidade, com a sua ceiba simbólica da cordialidade pan-americana

dadeiramente assombroso. Sob a égide dum presidente, o general Gerardo Machado, cujas características primordiais são a férrea energia do governante e a acrisolada honradez do administrador, a paz e o trabalho, a economia e a ordem, consolidaram a personalidade internacional de Cuba.

Um dos mais prestigiosos colaboradores do general Machado é o seu ministro das Obras

Públicas, o dr. Carlos Miguel de Cespedes. Muito novo ainda, milionário, empreendedor audacioso, teve o sonho de converter o seu país num modelo de progresso material e esse sonho de idealista e de patriota vai, a pouco e pouco, tornando-se numa maravilhosa realidade, sob o impulso tenaz da sua perseverança e da sua fé.

O ingente projecto duma estrada central,



Praça do Maine, no meio da esplêndida Avenida marginal de 25 quilómetros de comprimento

eixo de todas as redes de comunicações provinciais, estrada que atravessa todo o território cubano, de este a oeste, como uma enorme espinha dorsal da ilha, medindo 1.300 quilômetros de comprimento, está em período de franca realização e estará concluída, por inteiro, no princípio de 1930.

Em tão breve lapso de tempo, a Havana, a linda capital de Cuba, foi materialmente transformada pelo esforço do dr. Carlos Céspedes.

Tem as suas ruas brunidas como espelhos e lúmpas como mármore de laboratório, os magestosos edifícios do Capitólio e da Universidade, as amplas praças de formosas e grandiosas linhas, a Praça da Fraternidade, a do Maine, a Avenida do Palácio, os passeios de Martí e do Malecón, este último uma gigantesca avenida à borda do mar, com os seus vinte quilômetros de extensão. A estas



Avenida do Palácio, construída em 48 horas por 2.000 operários

árvore essencialmente típica e da maior longevidade em Cuba.

A *Ceiba* é rodada por uma gradaria cuja porta só pode ser aberta com vinte e uma

magnífica via pela qual se dirigiram ao Palácio Presidencial de Cuba, os embaixadores do amor e da união de todo o continente americano.

As fotografias que ilustram as nossas páginas, bem como os elementos para estas breves notas, foram gentilmente cedidas à *Ilustração* pelo nosso querido amigo Edmundo de Móra, escritor e poeta brilhante e diplomata cubano que, durante sete anos esteve no nosso país em missão, revelando-se um dos mais cultos, sinceros e devotos amigos do nosso país.



Palácio do Parlamento

obras realizadas seguir-se-ão outras que borbulham na imaginação deste Haussmann cubano, que quer fazer da Havana uma das mais belas e atractivas capitais da América.

As concepções estupendas do ministro das Obras Públicas, bem justamente apelidado, pelos cubanos, de «o dinâmico», ficarão como timbres de glória do mandato presidencial do general Machado.

Nada mais romântico e sentimental que o motivo que deu origem ao título de «Praça da Fraternidade».

No centro desta magestosa praça, sobre terras extraídas do solo de todas as repúblicas americanas, ergue-se uma galharda *ceiba*,

chaves de ouro, número dos Estados do Novo Mundo. A praça foi inaugurada e a *ceiba* plantada, no acto do encerramento da VI conferência Pan-Americana, celebrada na Havana no passado ano de 1928.

Coube à República de Cuba a honra enorme de erguer este simples mas notabilíssimo monumento à cordialidade americana.

A Avenida do Palácio constitui uma prova da pasmosa actividade do jovem ministro das Obras Públicas de Cuba. Em quarenta e oito horas, empregando nos trabalhos uns dois mil operários, o dr. Céspedes converteu um terreno íngreme, cheio de cascalhos, na



D. Carlos Miguel de Cespedes, ministro das Obras Públicas



CINEMA

UMA NOVA VERSÃO

DA

DAMA DAS CAMÉLIAS

DE

ALEXANDRE DUMAS (FILHO)

Margarida Gautier
Norma Talmadge
Armando Duval
Gilbert Roland
vão unir os seus
destinos...

O romance atrabiliário e verdadeiramente criticável, da vida da pecadora arrependida, Margarida Gautier, que Dumas filho realizou, com tão perfeito sentido do público que servia, de forma a torná-lo imortal, é ainda hoje considerado por muitos uma grande obra de arte. Sem se lhe investigar o deletério do tema, a mentira convencional de tudo quanto ali se passa, sem se comparar, sequer, com essa obra prima de verdade que é a «Manon Lescaut» do Abade Prévost, empresta-se à «Dama das Camélias», de Dumas, filho, a qualidade de impercível obra de paixão.

O seu sentimentalismo piegas, delicioso para a época, perdurou e hoje, numa fase de degenerescência, ou melhor deliquescência social, como a que atravessamos, há muito grande multidão apta a choramingar com a desorada psicologia de Margarida e com o *papo-sequismo* alambicado e choroado de Armando Duval.

Mas isto são opiniões e como gostes não se discentem... vamos ao que importa.

Como tôdas as obras de grande público no romance e no teatro, a «Dama das Camélias» tentou os realizadores do «écran». Já em Itália, por duas vezes, se realizou a adaptação. Sucessivamente, Vitória Lepanto (no alvorecer do cinema) e a coleante Bertini, incarnaram a falida *lorette* dos amores piegas. Logo na América se lhes seguiu as pisadas e conta-se a primeira «Dama das Camélias» como o

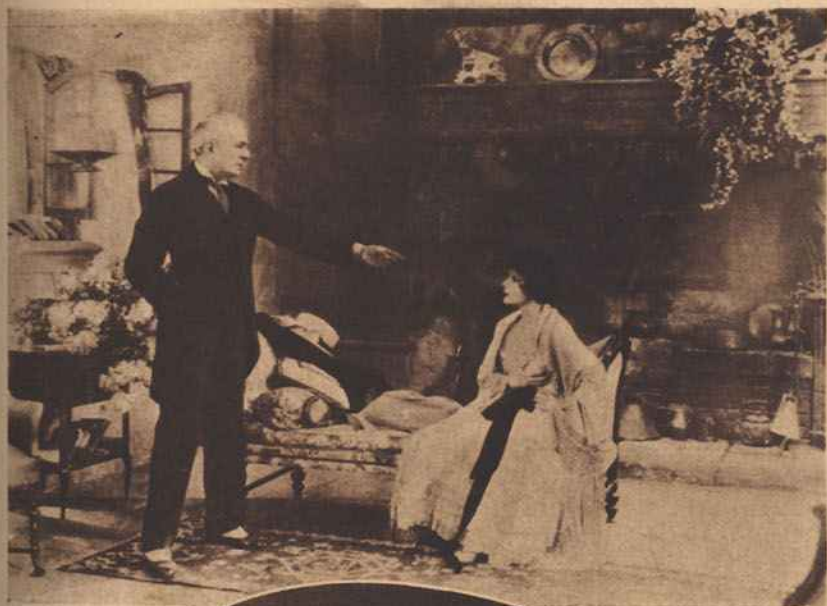


Armando Duval não pensa senão na beleza fatal da «Dama das Camélias»...



O conde de Varville, que agora Margarida oferece-lhe de novo o luxo e a suntuosidade...

fracasso enorme de Nazimova e o formoso mas não talentoso Valentino. Desde então o cinema evoluiu em processos técnicos e artísticos e a última versão do romance de Dumas filho causou, na verdade, um retumbante sucesso mundial. É que, na verdade, reuniu-se um excepcional conjunto de elementos para a realização. A grande firma «First National» confiou a Joseph M. Schenk a direcção geral da produção e este confiou, por sua vez, o papel de exame que é a heroína, a Norma Talmadge, sua esposa. E na verdade, Norma, que é, sem contestação, a mais formidável trágica do «écran» mundial e que, ao mesmo tempo



Esse Duval
Maurício
Costello,
costa
sremente
Margarida
a que
abandona
Armando.

é duma beleza serena e latina, é a intérprete ideal dessa que foi na vida real Maria Duplessis e que Dumas romantizou como Margarida Gautier. A realização minúscula da grande trágica americana atinge a sublimidade e o conjunto de interpretação é formidável. Basta dizer-se que o actor que interpreta o Armando Duval é o notabilíssimo galã Gilbert Roland, já célebre em todo o mundo e outro papel de exame, o pai Jorge Duval encontrou para o interpretar o celeberrimo artista Maurício Costello, um dos pioneiros do cinema e dos mais perfectos artista da tela.

De resto, a fotografia e o luxo da montagem, condizem com o elenco. São do melhor que se tem feito em studios americanos. Fazemos votos para que Lisboa veja, em breve, este formoso filme que chega a desculpar o romance célebre de todos os seus muitos defeitos.

E para terminar, uma nota pitoresca e... bem americana. A divina Norma Talmadge de tal forma o seu papel que, nos mentideros cinematográficos se fala, insistentemente, no seu divórcio de Joseph M. Schenk, para voar, em asas de Cupido, com Gilbert Roland... o seu Armando Duval!... E o romance deliquesciente passará a ser realidade lamentável!...

E tanto mais lamentável é o facto quanto é certo ter sido, até hoje, Norma Talmadge apontada como uma das raras «estrelas» da Cinelândia não atacadas da *divorciomania*. Na familia Talmadge, de resto, é quasi tradição esta persistência matrimonial e só Constança, a deliciosa *Connie* da «Duquesa de Buffalo» é que tem feito diabruras com o sacramento indissolúvel. As outras irmãs, Maria e Natália, são absolutamente e adversas ao divórcio.

Em primeiro plano
de Armando é
Margarida no
filme «A Dama
das Camélias»



Uma expressão
formosíssima
de Norma Talmadge em
Margarida Gautier

LAURA DE SANTELMO

A EXTRAORDINÁRIA BAILARINA, FALA A "ILUSTRAÇÃO"

Um dia Sara Bernhardt chegou a Madrid. Artistas e literatos depositaram aos pés da grande actriz as expressões mais fervorosas do seu afecto e admiração. De Valência, Jardim das mais flagrantes e polícromas flores, vieram vagões de rosas. A gloriosa velhinha foi coroada com os loiros de Espanha e os versos dos seus poetas mais representativos. E, entre lágrimas de reconhecimento, sugeriu, ela mesmo, o nome duma grande espanhola: Laura de Santelmo. Acorreu-se à famosa Raquel Meller, que era amiga da artista sevillhana. E foi assim que a maior bailarina da Espanha, com o mágico encantamento da sua arte angusta, prestou o mais leal preito

de submissa fidelidade à maior artista da França. Sara Bernhardt, já então inválida, levantou-se num magnífico esforço para cobrir de beijos a extraordinária artista.

E nós recordamos:

— Conte, Laura, como foi aquilo.

— Como sempre. Eu não sei dançar melhor nem pior. Em mim, a dança é «coisa» de inspiração. Quando não me sinto inspirada não danço. Questão de estado de espírito...

— Mas nunca teve professores?

— Não. Para quê? Não concebo a dança como sciência. Tudo o que o meu corpo baila é a única expressão do meu sentir. Dizem que me sai bem; não sei, porque não faço



por isso. Se me soubesse mal, a culpa também não seria minha. Enquanto outras riem, choram ou cantam para exprimir alegrias, desabafar mágnas ou olvidar penas, eu danço. Foi assim que eu dancei em Paris, em Londres, na Suíça, no Egito, na Índia Inglesa...

— E onde agradou mais?

— Julgo que em Paris e no Egito. Mas no Egito dancei sempre sob uma impressão de medo, que V. não imagina!

— Medo, porquê?

— É que me diziam, *sabe V.?*, que os egípcios costumavam raptar as artistas da sua predilecção. E como a mim me aplaudiram tanto!... Quando saía do teatro, ia sempre a *tiritar*, numa tremenda tensão de nervos, muito cozidinha com a parede, não fôsse algum daqueles egípcios...

— Bem se vê que é andaluza...

— Não sou supersticiosa, acredite. Pode-me



mentar a bicha sem nenhum receio. A nossa religião condena as superstições.

— Católica?

— Quería, talvez, que fôsse bruxa? Católicaíssima. Nunca saio à scena sem me benzer pelo menos três vezes. Mas nestas ocasiões, confesso, mais do que crenga é... medo. Um dia em Paris, Blasco Ibañez, que sabia do meu fervor religioso, tentou dissuadir-me e converter-me à religião da... consciência. Mas, pese ao seu formidável talento, não conseguiu nada de mim.

— Apoiado!

— Coisa parecida, e sem querer confundir a minha arte com a minha religião, succede com aqueles que me querem converter às danças exóticas. Eu só sei dançar em espanhol, só sinto em espanhol, e as nossas danças tem tantas virtudes dentro de si que não preciso de nada mais para me fazer entender em todo o mundo. De resto, como me convenceram de que as represento bem, considero-me no dever de não consentir que se perca uma das expressões mais vivas da alma do meu país.

— ¡Olé!

— Gracias. E, neste ponto, a minha sinceridade é tal que tenho uma boa dúzia de vestidos regionais, comprados e escolhidos por

mim no próprio ponto de origem, para interpretar as danças correspondentes a cada uma das mais típicas províncias espanholas. Certa noite, em Londres, S. Magestade El-Rei D. Afonso XIII, que me via dançar, deu-me a honra de me mandar chamar ao seu camarote para saudar — expressão sua — a espanhola mais espanhola que tinha conhecido.

— E não mentia.

— Com isso me contento: ser muito espanhola e muito sevillhana. São os dois «muitos» que prefiro a ser muito artista.

Estamos no «estúdio» de Sorolla, hoje propriedade do filho do grande pintor valenciano. Laura de Santelmo, solicitada pelo cronista, brinda aos leitores da *Ilustração* algumas das suas mais características posições, que a objectiva, ciosa, copia com toda a fidelidade. E evoca — ela que serviu de modelo para uma das obras primas do insigne ar-

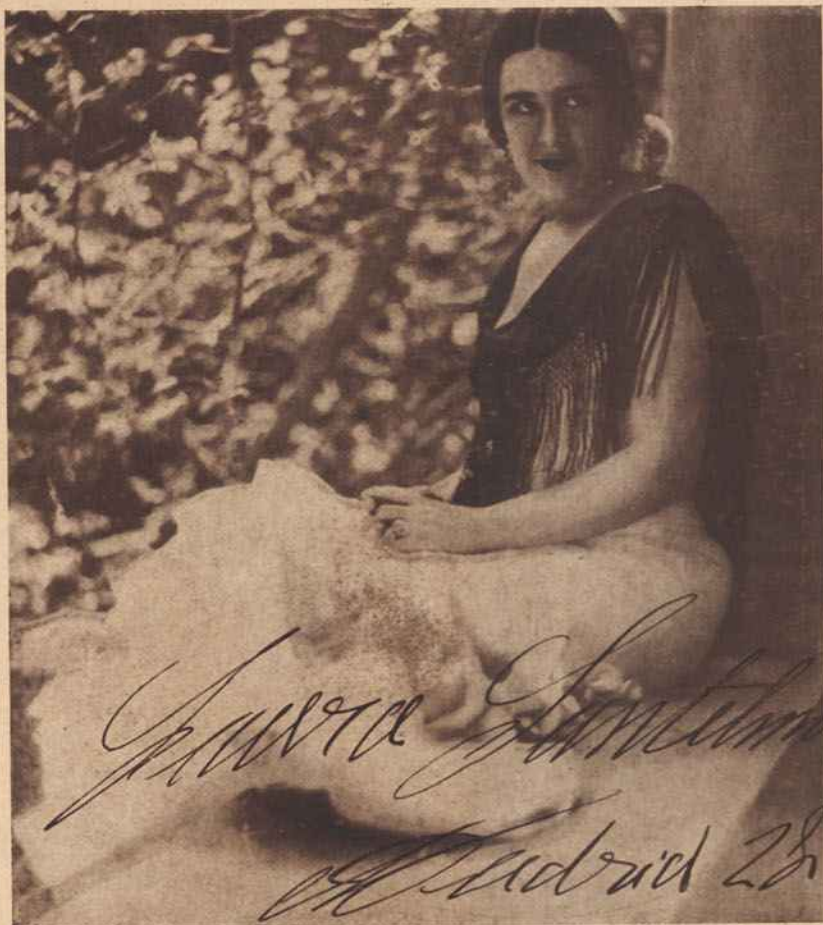


tista, numa saúdosa harmonia de irrepreensível andaluzismo:

— Pobre maestro! Me queria más!... A pintura, para êle, também devia ser coisa de inspiração, no crece Vd?

SEAVON.

(Fotos Ragel).





FALGÕES JUNTO AO CAIS DAS COLUNAS (LISBOA)

(Foto: F. Martins)

O POETA DO SAÛDOSISMO

OUVINDO TEIXEIRA DE PASCOAIS



Retrato do poeta por Columbano

Declaro, antes de mais nada, que a casa de Teixeira de Pascoais é uma casa aonde se pode bater, chamar, com a antecipada certeza de ser atendido, de ser escutado. O Grande Poeta da Raça está, ao contrário da maior parte dos nossos *constragados*, sempre de olhos atentos a quem bate às portas do seu solar. Não se esconde, como acontece com alguns dos nossos *académicos*, no veludo mudo dos *fauteuils* da consagração. Este pormenor, este detalhe, a que dou um modelo de declaração, é necessário, é muito preciso para se entender a sua obra, em que cada verso tem uma asa de onnipotência criadora.

Antes de subir as escadas do solar de Pascoais, herança paterna que o autor de *O Saúdosismo* conserva enternecidamente, fito o dilema obscuro da névoa do Marão. Tem qualquer coisa de um outro mundo, encoberto, emboscado nos véus e franjas de nevoeiro. Tem a amplidão de um universo de almas, olhando a civilização com todo o desdém e aprumo dum limo de guerra em tempos de desertão e cobardia...

Olhando para as sinuosidades do póito vilão do Marão, tem-se uma grande dúvida em admitir que todo aquele crepúsculo de montes pertença ao grande poder de criação da Natureza. Dentro de mim, dentro da minha alma que, embora esteja habitada por todos os anseios e noções da renovação, da vanguarda, não deixa, por isso, de dar um espaçoso lugar à sentimentalidade rãcia, e que compreende e adora o lirismo filosófico do autor do *Verbo Escuro*; — em não duvido que o Marão é obra de Teixeira de Pascoais. É o poema dos olhos da sua alma — da sua alma em que parece existir a alma de todos os séculos de Portugal.

Junto dum fogão, com um ar de desenho de bacia de romance, em que cada brasa parece

uma grande gôta de sangue, ouço, com a franqueza de alma nos olhos, o nosso maior poeta.

As mãos de Teixeira de Pascoais, de tão acostumadas que estão a transformar a simplicidade da tinta em labaredas de pensamento, não deixam nunca os seus costumes, os seus hábitos. De dedos nervosos, tremetes de inquietação, essas mãos seguram, por um momento, uma tenaz que atranca de um cêsto alguns retalhos de madeira seca e, a seguir, os vai lançando no ventre vermelho, quente, do fogão. Teixeira de Pascoais, dá toda a atenção a êsse trabalho. Seria um novo poema que o seu espírito genial estava imaginando nesse pequenino mundo em fogo? Um génio pensa em tantas coisas!... Atentamente, começo também a reparar na lenha que o poeta condenou ao fogo, e que muito em breve será cinza... Está gritando nas labaredas e está desaparecendo em fumo!... Neste momento, Teixeira de Pascoais diz-me, numa voz que tem a emoção de uma verdade do coração, declarada na penumbra duma catedral:

— Vou estar longe desta casa, por alguns meses...

— Lisboa e os amigos são, sempre, exigentes?

— Os amigos!... Levo toda a minha família ou quase toda, e, contudo, deixo aqui, nestas salas, nas cinzas do fogão, no eco dos meus passos, a minha verdadeira existência.

Através das janelas, vejo chegar o crepúsculo. Sinto que está perto de mim, dos meus desejos, a oportunidade para receber do Poeta do Saúdosismo os apontamentos das saúdades que estão coladas à sua memória de pensador.

— No seu último livro *Memórias*, faltam os melhores passos da sua viagem de poeta. Para além do Marão, estão, decerto, outras saúdades... outras recordações à espera da sua hora de confissão...

— Não posso arquivar num só livro a memória das minhas memórias. Pensei livrar do esquecimento a forma da vida de certas pessoas que morreram e que, apesar de tudo, deixaram dentro de mim o molde dos seus sentimentos e o desenho da sua alma.

— Porém, a vida mental anda, geralmente, ligada a certas datas, a evoluções, a cidades...

— Oh!, na velha e pequenina Coimbra, a casa dos meus estudos, deixei, na verdade, a mais sãbia das convivências com essa adorável figura que foi João Lúcio. No Pôrto, que eu visito, sempre, com elevada ternura, estão como que os primeiros estandartes da minha devoção saúdosista. Adoro, também, a Inglaterra, a que erioi almas elevadas, mas é na Espanha — em Madrid e Barcelona — que eu deixei algumas das minhas confissões mais sagradas de filosofia rãcia!

— Foram as suas célebres conferências?

— Sim; as conferências que realizei na Bi-



Teixeira de Pascoais no seu gabinete de trabalho

No Salão da "Voga", no Pôrto, estarão expostas as porcelanas eléctricas e uso doméstico da ELECTRO-CERÂMICA de Vila Nova de Gaia, a maior fábrica da Península

biblioteca de Barcelona e na Residência dos Estudantes de Madrid, aquela em 1918 e esta em 1923. Foi, realmente, o «Saudosismo» a razão a fonte dos meus dois trabalhos. Ele é o interior da nossa Terra e, por conseguinte, terá de ser, como o compreende quasi toda a Espanha, a alma da nossa mentalidade.

As palavras de Teixeira de Pascoais, modeladas com uma leve doçura, são esculturas de sentimentalidade filosófica que parecem arremessadas por um guerreiro moderno, envolvido na sombra do Passado. Penetram-nos com a suavidade dum perdão caído duma madrugada de Ontano, e, a-pesar-de tudo, tomam maior vulto na sua obscuridade—nessa obscuridade em que o poeta encontra e apresenta um estranho verbo de poesia.

Vai rolando o nosso diálogo até à fachada das renovações políticas que fazem estremecer actualmente os velhos estados e tentam criar, renovar a sociologia universal. O poeta, com a mesma sinceridade com que penetra a alma da paisagem, responde-me como se acabasse de penetrar na alma da humanidade:

— Há milhares de anos que a História Humana se revolve, infelizmente, numa luta entre ricos e pobres. Olhe: Todas as unificações para a sociedade são erradas pela sua falta de base na Natureza.

Podesse estar em desacôrdo com este conceito sociológico do Poeta da Raça, do poeta que está, quasi sempre, a distância da maldade que tem gerado as grandes revoluções; do que se não pode duvidar é, talvez, da criminalogia que só deve a sua existência à posse de determinadas classes que existem sobre os sacrifícios de outras...

Adiante desta opinião de Teixeira de Pascoais, pergunto-lhe:

— Deixou de escrever para o teatro?

— Aquele *Jesus Cristo em Lisboa*, que eu escrevi aqui, num verão, nas horas tranquilas, com o meu antigo e grande escritor Raúl Brandão, não foi, de modo nenhum, a primeira pedra dum teatro que eu e esse meu amigo tencionávamos construir. Não foi mais que um pequeno episódio da moral portuguesa aferida através de torturas fantasistas, recordações das verdadeiras, por que passou o Redentor. Mas, ninguém o quis compreender... Acusaram-nos de tudo... de tudo o que costumam ser acusadas as pessoas que estão fora de condenação...

Aceito um cigarro a esta figura inconfundível, ao poeta de la noche como lhe chamam todos os habitantes da lírica e sentimental Galiza. Agora, o destino das palavras do cantor do Marão toma o destino dos projectos a que prendem todo o seu interesse.

— Considero o *Regresso ao Paraíso* o meu livro definitivo. Puz nêle uma nova carreira moral. Nas *Memórias*, há retalhos do que eu fui e daquilo que eu não deixo de ver...

Actualmente, cuido da recodição de tôdas as minhas obras. Revejo-as com a ternura de quem revê, cuidadosamente, modelos de pensamento que passaram pelo tempo sem que o tempo passasse sobre elles. E será o fim? E será o principio?!

As horas passaram como meninas de passinhos leves, sem ruído. D. Miquelina, irmã do Poeta da Raça, um raro e enternecedor temperamento de pintora, alma gémea do apaixonado do Tâmega e do Marão, pôs na nossa frente a suave carícia duma cháfeara de chá. Anda lá fora uma voz melancólica, que chega até mim a anunciar-me a noite... a noite do Marão— a noite que pode meter medo!... Estou tranqüilo. Não a receio. Já a senti, já a li, nos livros de poesia genial de Teixeira de Pascoais!

Aponto, lealmente, alguns nomes a Teixeira de Pascoais; quasi todos estrangeiros, que são belas realidades, que são, afinal, grandes mentores duma estética e mentalidade renovadas. No fim de contas, não se opõe à minha alusão. Está longe, está sempre no Marão... Está nesse outro mundo em sombras, em que parecem existir os maiores vultos e as desconhecidas profundidades da sua poesia raiada.

Levanto-me. Teixeira de Pascoais oferece-me alguns dos seus livros, em cujas páginas estremecem aparências espectrais e desenhos misteriosos de uma enorme distância e cinzentas transfigurações!...

Atravesso o quarto de dormir do poeta que sabe todo o mistério que anda emboscado em cada lágrima. A Cruz de Cristo está espalhada por toda esta casa como por altares e claustros de uma catedral. Não exagerei...



O poeta do «Marão» entre a sua família.

Está a meu lado, a sobrinha do poeta, a Zézinha— uma boneca, sorridente, olhos negros, olhando de cima da primavera do seu casquinho de lã, olhando-me com a mocidade comunicativa de uma criança. Lembro-me nesse momento, de todos os meninos, de todos os novos, que olham para longe de cima da bola de sabão dos seus sonhos e das suas ambições. Com que olhos fita Teixeira de Pascoais êsses futuros senhores da adoração do público e das élites?

— Creia que ando um pouco afastado dos atestados mentais da nova geração. Salvo um nome: Ferreira de Castro. O resto, é na poesia, parece-me tudo educado pelas atitudes de Paris... Parece-me que se está a escrever de mais, com pôs de arroz e cronge. Falta pensamento filosófico e abunda, desgraçadamente, espirito de baile...

Talvez que este solar, seja a verdadeira catedral da Raça. Tem tôdas as características de um templo onde se ensina a olhar para dentro do fulgor para se descobrir a melancolia. O solar de Pascoais é ainda um pouco como as obras que o poeta tem arrancado à névoa do Marão; não se fecha para ninguém, não esquece nenhum soluço. Aqui repousaram Unamuno e d'Ors; aqui se demoram, todos os dias, pintores e outros poetas. Teixeira de Pascoais recebe e fala a toda a gente— a todos os discípulos da sua alma. Teixeira de Pascoais, na sua casa, na sua catedral do Marão, é um novo Deus— é um Deus que espalha, em rimas lusadas, um novo verbo de poesia em que revive a agitação anímica da Raça.

GUEDES DE AMORIM.

SUA SANTIDADE, MUSSOLINI E A ITALIA NOVA

O QUE NOS DISSE O ILUSTRE
MINISTRO DE ITALIA

Sua Excelência o Senhor Ministro de Itália, sr. Giuseppe Bastianini, é um diplomata novo, simpático em extremo e despido de vaidades. Desejando que ficasse registada, nas nossas páginas, a sua estada em Portugal, tomámos a liberdade de o procurar no antigo e formoso palácio dos Condes de Pombeiro, onde se encontra a Legação de Itália. Fazemo-nos anunciar.

Imediatamente, com uma grande amabilidade e gentileza, o sr. Ministro de Itália vem receber-nos. Leva-nos para uma saleta confortável e diz-nos:

— Qui si sta meglio...
...Como numa confidência.

E, de facto, sentiamo-nos bem naquela sala, denotando intimidade e que estava como que a dizer-nos que, ali, não havia protocolo ou etiqueta.

O sr. Giuseppe Bastianini conversa connosco num à-vontade cativante; fala-nos de arte, de literatura, do «Duce» e fá-lo com entusiasmo, embora fuja sempre da política e da sua apreciação.

— Foi com sincero prazer que aceitei o cargo de, em Portugal, representar o meu país. Portugueses e italianos são dois povos latinos e como tal devem aproximar-se; devem, tanto uns como os outros, conhecer-se melhor. Tenho, como os meus compatriotas, uma simpatia grande pelos portugueses e será para mim enorme satisfação ver realizado o contacto íntimo das nações portuguesa e italiana.

— E como pensa fazer V. Ex.^a essa aproximação? Indagámos.

— Tornando conhecido, em Portugal, o idioma italiano e em Itália a bela e encantadora língua portuguesa, pelo intercâmbio artístico e literário.

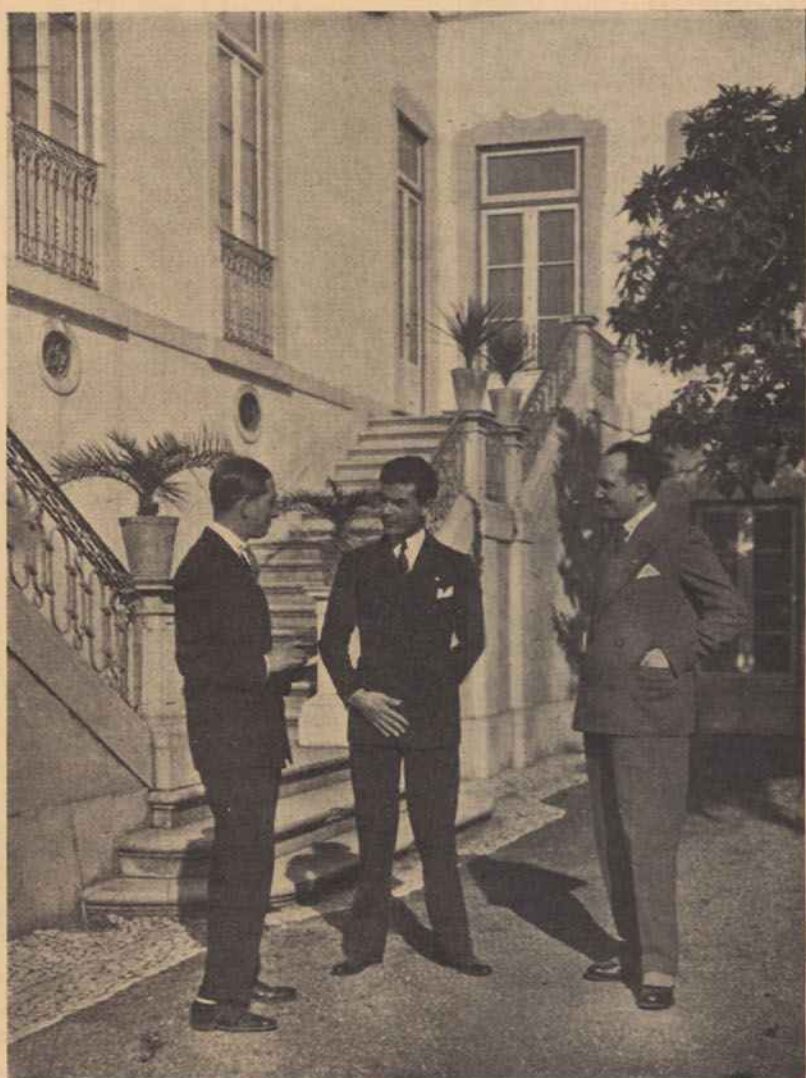
E fala-nos, com grande interesse, das obras de Garrett, Heróulano, Camilo, Júlio Denis, Eça de Queirós, Raul Brandão, Aquilino Ribeiro, Manuel Ribeiro, Carlos Selvagem, Júlio Dantas, e muitos outros e das obras italianas de Manzoni, Carducci, d'Annunzio; na «Malavoglia» de Verga; «Cenera», de Grazia Deledda, que obteve o prémio Nobel; «Sei Personaggi», de Pirandello; «La Vestrina delle Andichita», de Fausto Maria Martini; de Moretti, Boito e muitos outros.

— E V. Ex.^a pensa?... Atrévemo-nos a perguntar.

— Tornar conhecidas, procurando a tradução nos respectivos idiomas, em Itália, as obras literárias portuguesas e em Portugal, os autores italianos.

Dr. Guido Viateletti, entra, e a conversa generalisa-se. Fala-nos da sua próxima Exposição, numa das salas da Legação, de assuntos portugueses em Itália.

Está um dia lindo, de sol e, a dois passos de nós, como que a provocar-nos, uma porta dá para o jardim.



O nosso redactor, o sr. Ministro de Itália e prof. Viateletti, nos jardins da legação.

Ah, teriamos a mesma acolhedora recepção. Ao ar livre também se conversa e fazem entrevistas e passeando sob a carícia dum sol de inverno o sr. Ministro e o prof. Viateletti, falam da próxima Exposição.

— Em Itália a passagem dos portugueses está assinalada por diversas formas — diz-nos o erudito professor. E dessas passagens, ou antes dessas recordações portuguesas em Itália que farei a Exposição. Consegui recolher um importante número de fotografias de pinturas, baixos-relevos, etc., que vou expôr.

«Os portugueses, onde quer que vão, assinalam sempre a sua passagem e, por isso, me é grato mostrar, como grande amigo de Portugal, algumas dessas passagens.

Abordámos o assunto palpitante da restituição do poder Temporal ao Sumo Pontífice.

— Que pensa V. Ex.^a acerca do acôrdo feito entre o governo italiano e o Papa?

— O mesmo que todo o mundo católico. A resolução de Mussolini veio arregar mais, no meu espirito, o brio das minhas convicções políticas e religiosas. Só o prestígio formidável desse homem, o maior intérprete do sentimento do povo italiano, poderia eliminar

os melindrosos obstáculos que se opunham à aproximação com o Vaticano e à ressurreição de um estado pontifício.

Procuramos saber detalhes, pormenores, mas o senhor Ministro de Itália corta o nosso desejo, dizendo-nos:

— Eu só sei aquilo que ninguém já ignora porque ainda não recebi, do meu país, notícias detalhadas. O que posso porém garantir é que, este acôrdo deu satisfação plena ao meu soberano, a Sua Santidade e, o que é mais, a todo o povo italiano e a todo o mundo católico.

— Supõe que tivessem surgido dificuldades? perguntámos.

— É natural; e estou convencido que não se teria nunca realizado este facto, que a história assinalará como o mais notável do século, se não fôsse a grande preparação espiritual do «Duce». *C'è tutto per ora.*

Compreendemos que nada mais poderíamos obter sobre este assunto.

Alguém procura o senhor Ministro de Itália e a cortezia nos fez dar por finda a nossa entrevista, encantado por ter conhecido de perto um novo mas grande e ilustre amigo de Portugal.

T. C.

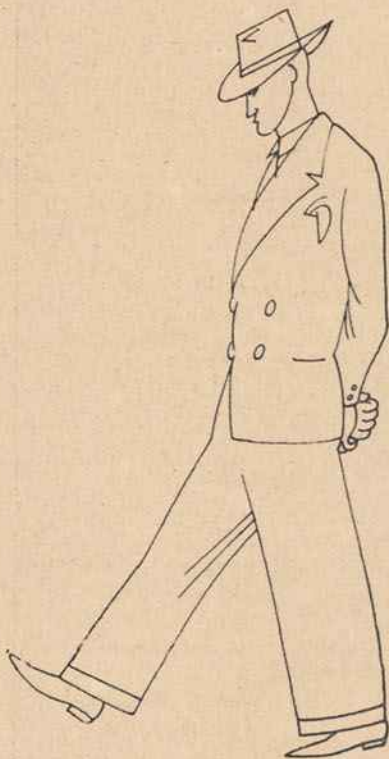
No Salão da "Voga", no Pôrto, estarão expostas as maravilhas mecânicas e acústicas que são os super-gramofones POLYDOR, de fabrico alemão, da Galeria de Novidades — Pôrto

HAVIA uma hora que eu andava a passear de rua em rua com uma única ideia esmagadoramente genial.

Pensava:

— Que monótono, que igual é tudo na vida!

O certo é que, no íntimo, estava muito satisfeito por ter chegado a uma descoberta



tão importante. Essa monotonia arreliava-me; mas a circunstância de ter penetrado no mistério da sua existência fazia-me um pouco feliz. Bem sei que já se disse muitas vezes: «A vida é monótona»; mas, naquele momento, sentia-me convieto de ser o homem que mais profundara em tal condição. Os que disseram: «A vida é monótona», admitiram certa variedade, certos altos e baixos, certos contrastes... E não os há. Asseguro muito seriamente que não os há.

A vida é um só grito com um eco múltiplo. No princípio dos séculos, a Natureza, depois de profundas reflexões, inclinou-se sobre o Universo, fêz porta-voz das suas mãos infatigáveis, e exclamou:

— Ah!

E o primeiro animal, a primeira planta, o primeiro homem, repetiram «Ah!», e todos os animais, e todas as plantas, e todos os homens. E chega um, grita também estupidamente «Ah!», e julga ter feito uma grande coisa, haver tido uma excelente ideia e ser um homem excepcional; e morre muito preocupado, porque não sabe o que sucederá ao mundo quando elle desaparecer. Mas a verdade é que os seus próprios affectos, as suas próprias dores, as suas próprias lutas

Um homem em como outro qualquer

(DESENHOS DE ALMADA)

W. FERNANDEZ FLOREZ

são as mesmas do outro, do outro homem, e as dos seres inferiores. E assim há de ser até a fim do mundo. Desaparece uma geração, aparece outra a cantar o mesmo cântico, como se se tratasse dum concurso de orações numa capital de distrito. E a mesma coisa se dá em Marte e em todos os planetas habitados. Tenho êsse pressentimento, que vale tanto como outro qualquer.

Nem mesmo se pode falar da variedade nas formas. Para olhos perspicazes essa variedade é bem exígua. A Natureza criou o tipo humano e de tal forma se apaixonou por esta obra, que a reproduziu em todas as outras. Se os senhores se sentirem alguma vez com os nervos desequilibrados, hão de observar como tudo lembra o homem. As árvores lembram o homem. Os que viajam de noite, num automóvel, por uma estrada arborizada, podem verificar, à luz dos faróis, que todas as copas tem grotescos perfis humanos. Eu vi carvalhos atarracados que



pareciam judios adornados com plumas, e castanheiros com olhos e boca formados de rugas e nós, e um cipreste perfeitamente igual a um padre. E conheci uma árvore que imitava um mendigo. Inclinava-se sobre a via pública e estendia para baixo um ramo engelhado, como se pedisse uma esmola aos transeuntes. Sempre estava cheia de musgo, como se tivesse lepra; e, nos dias de vento, quando rangia, parecia tossir.

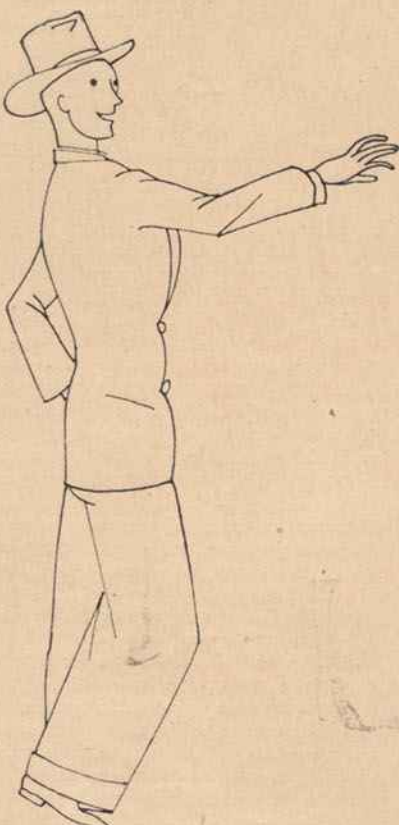
Quanto às flores..., eis af o amor-perfeito, que é o retrato dum homem com barbas e abundante topete e certa orquidea que tem cara de menina com a língua de fora. Não falo dos animais, porque bastará que o leitor repasse os rostos das pessoas suas conhecidas para se convencer de que há cães, pássaros, insectos, feras, que tem pareenças físicas com os humanos. Mas a experiência decisiva, a que fará render o panegirista mais exaltado da fantasia da Natureza, pode-se fazer com as nuvens.

Corre uma nuvem pelo céu.

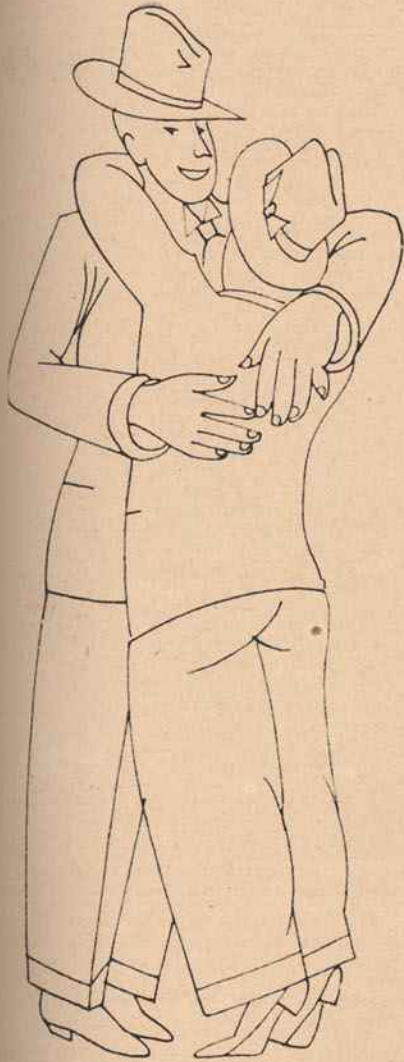
— Bem — penso eu, contemplando-a. — Eis uma nuvem. Esta nuvem deve ser para a Natureza como a massa de barro nas mãos dum escultor. Vejamos o que faz dela.

A nuvem torna-se redonda e eleva uma das suas pontas.

— Bom — digo. — Isso é uma galinha. Não se pode afirmar que uma galinha seja nenhuma novidade.



No Salão da "Voga", no Pôrto, estarão representados os VINHOS BORGES, porque os "vinhos Borges são vinhos"



A nuvem deforma-se e refaz-se.

— Olá! Desta vez trata-se duma cabeça de cavalo. O cavalo é um ser já realizado e conhecido.

Nova transformação.

— Uma montanha nevada... Há muitas montanhas nevadas... Não vale a pena.

A nuvem desfaz-se em água.

— Uf! Chove. Chove como chover há séculos, como chover há meses, como chover há dias, como há de chover sempre...

Nessa tarde, em que eu passeava pensando no tólio das coisas iguais, deu-se um pequeno sucesso.

Passou um eléctrico.

Na plataforma posterior deste eléctrico ia um homem que olhou para mim e sobre o qual se pousaram os meus olhos.

Devo observar que sou o pior fisionomista deste mundo. Na vida social esta desgraça acarreta importantes desgostos. Para os evitar, mal alguém me fita costumo cumprimentar cortezemente, porque na verdade nos podemos conhecer.

E foi isto o que eu fiz com o homem do

eléctrico: empurrintei-o. O homem correpondeu.

— Deve ser algum conhecido — pensei, e agitei o chapéu no ar, acentuando um sorriso.

O homem estendeu o braço e agitou-o também com cara de júbilo.

— É um amigo — rectifiquei. — Adeus! Adeus!

— Adeus! — gritou êle, deliciosamente afável.

— Aonde vai? — julguei dever excluir.

— Que diz?

— Aonde vai? — vociferei.

O homem inclinava-se, com meio corpo para fora, sobre a grade e uma mão em forma de concha atrás da orelha.

— O quê?

Deitei a correr, porque tínhamos chegado a uma situação tal que eu não podia deixar de lhe fazer ouvir esta frase: «Aonde vai?», sem o que, tanto êle como eu, faríamos um papel ridículo. Mas, quando me viu correr, o homem fez soar a campainha do eléctrico, e apeou-se. A medida que nos aproximávamos tornara-se mais forte a minha convicção de que não conhecia aquele individuo, de que nunca o tinha visto. Entrincheirando a minha angústia detrás do meu sorriso, continuei a avançar. E abraçamo-nos efusivamente.

— Quem será? Quem será, meu Deus! — pensava eu, enquanto lhe batia nas omoplatas.

E apelei às frases capciosas que nestas ocasiões sempre utilizo.

— Há tanto tempo que não nos víamos! — afirmei.

— Há muito — assegurou.

— E agora, naturalmente, você ia no eléctrico...

— Naturalmente.

Olhava-me de alto a baixo e a sua seriedade ia-se acentuando.

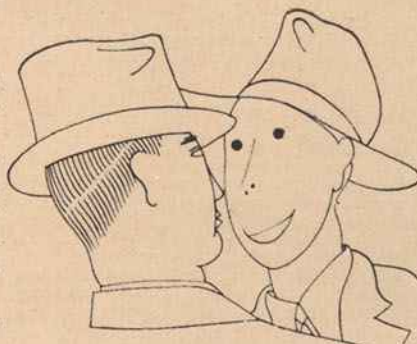
— Que quere de mim? — perguntou.

— Nada.

Carregou o sobrolho.

— Recio que me queira tornar vítima duma brincadeira de mau gosto. Ia para a estação... Agora, se calhar, peço o comboio. Porque me chamou? Parece-me que o não conheço...

Os senhores compreendem bem que eu não lhe podia dizer: «Nem eu». Isto seria de-



mais para aquela vítima da minha levandade. Ia talvez surgir uma questão desagradável. Adoptei o meu partido.

— Vejo — disse — que não tem grande memória. Esquece-se dos seus melhores amigos. Em compensação, eu sei perfeitamente quem você é. E vou-lho demonstrar. Você é advogado.

— Effectivamente — apoiou.



— Escreveu uma comédia, uma magnífica comédia, que ainda não se representou...

— Oh! — murmurou surpreendido. — Isso é amabilidade... Não digo que seja magnífica, mas...

— Também conheço uma poesia sua, que começa assim: «Morria a tarde...!»

— Meu Deus! Ainda se lembra? Começa, sim... Mas são uns versos da minha adolescência... E como é que você sabe...?

— Da mesma forma que sei que teve uma namorada que lhe chamava «gatinho».

— Gatinho! Sim, gatinho! Que curioso! Ninguém dizia «gatinho» como ela.

— A mesma opinião tem o seu sucessor.

— Realmente, era volúvel...

— E, enfim, você chama-se José e hoje comeu cozido castelhano.

— Deixa-me assombrado. Você conhece-me perfeitamente. No entanto, não posso compreender...

Mas eu já me desviava, orgulhosamente, do pobre diabo, que na sua vaidosa surpresa não advertia que era só um homem de bazar, um exemplar sem importância duma edição vulgar e numerosíssima, completamente igual a milhões de seres que são o que êle é, que falam como êle, amam como êle, comem como êle, tem as mesmas pequenas ambições e, na adolescência, escreveram com profunda emoção uns versos onde encontram inevitavelmente estas três palavras: «Morria a tarde...!»

— Cavalheiro! Cavalheiro! — gritou.

Voltei-me, bocejei com toda a dignidade, e o homem ficou um pouco atarantado...

A NOBRE ARTE TIPOGRÁFICA

OU COMO SE PASSOU DE MOÇO FIDALGO E CAVALHEIRO DA CASA REAL A CONDIÇÃO DE CRIADO OU MOÇO DE BORDO

A pesar das muitas diligências empregadas para o conseguir, ainda não foi possível chegar a uma conclusão que satisfizesse quanto à paternidade desta Arte atribuída a diversos indivíduos e inspirada pela xilografia ou gravura em madeira, muito mais antiga que o processo de imprimir por meio de caracteres móveis ou soltos cujo emprego lhe deu o nome, o qual, como se sabe, vem do grego *typos* (figura, marca ou tipo) e de *grapho* (escrever).

João Fust ou Faust, banqueiro ou ourives de Strasburgo, e Pedro Schaefer, crido ou calígrafo, residentes na mesma cidade, teriam sido os inventores da mesma Arte, associados com João Gensfleisch Guttenberg, a fim de a explorarem e aperfeiçoarem.

A Holanda, por seu turno, reivindica a descoberta para o seu compatriota Coster, ao passo que Strasburgo insiste em atribuí-la a Mentelin, filho da mesma cidade.

Associando-se em Mogúncia e no ano de 1439 com Fust e Schaefer ou somente com o primeiro, o discentido Guttenberg procedeu, nos primeiros ensaios da Tipografia, imprimindo com o dito Fust a *Biblia Latina*, chamada das quarenta e oito linhas, primeira obra tipográfica ou assim considerada e de que só existem hoje alguns raros exemplares, um deles na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Dissolvida a sociedade com o referido Fust, que se supõe ter sido gravador ou amanuense de Guttenberg, fundou este em Mogúncia e ano de 1456 uma outra oficina tipográfica que man-

teve até 1465, sem colocar o seu nome em nenhum dos livros que imprimiu, tornando-se assim impossível indicar, no certo, quais foram as obras saídas dos seus prelos, o que deve ter contribuído muito para se lhe contestar a honra da descoberta que Bouillet e outros investigadores lhe querem atribuir.

que em todas as nações em que ella teve ingresso se concederam numerosos e avultados privilégios aos tipógrafos-impressores, compreendendo os nossos, como se prova com os régios alvarás mencionados pelo Conselheiro Venâncio Deslandes na sua obra intitulada *Documentos para a Historia da Typographia em Portugal, nos seculos XV e XVI* e segundo os quais os sobreditos artistas, entre outras, tinham as mesmas honras, prerrogativas e privilégios que se concediam aos moços fidalgos.

O illustre académico António Ribeiro dos Santos, nma sua desenvolvida *Memoria para a Historia da Typographia Portuguesa do Seculo XVI*, inserta no excelente e magnifico Tomo VIII das *Memorias da Litteratura Portuguesa*, a pág. 119 e no seguimento da volumosa lista dos impressores nacionaes, menciona alguns estrangeiros que vieram estabelecer-se em Portugal, entre estes Jacob Combreger, ou Comberger que era Alemão e foi mandado vir a estes Reinos nos principios do seculo XVI, pelo Senhor Rei D. Manuel, que lhe fez grande honra, e gasalhado, e lhe deu uma Carta de Privilégio, passada em Santarem, aos vinte de Fevereiro de 1508, pela qual lhe concedeu as honras de Cavalleiro de sua Casa.

E prossegue, a pág. 120 da mesma *Memoria*: «Nos fins do Seculo XVI começou o Impressor Pedro Craesbeck em edições que deu de seus prelos.»

Numa nota sobre este impressor, no final da referida pág. 120, diz-se que: «O Senhor Rei D. Pedro II fez grandiosas mercês a seu filho Antonio Craesbeck só pelos muitos livros que imprimiu das *Historias do Reino*, dando-lhe tença de 40 mil reis com o Habito para seu filho.»

Sobre os *Privilégios e honras dos Impressores de Portugal*, lê-se, do mesmo autor, no *Apendice I*, pág. 130, Tomo VIII das cit. *Memorias da Litteratura Portuguesa*

«Arte Typographica, havendo sido um feliz invento, que muito concorreu para facilitar as grandes despesas e incomodos da escriptura manual, e a acquisição das produções litterarias, e promover e propagar os conhecimentos humanos em todo o genero, não podia deixar de merecer as attentões dos povos civilizados e dos Principes para lhe darem bom recebimento e honra em seus Estados. Assim foi ella havida entre nós por muito nobre Arte e por muy dignos de distincção e estimacão os seus Obreiros. Bem o mostrou o Senhor Rei D. Manuel, grandioso protector das Letras, e das Artes; por quanto, ainda antes de que Luiz XII, de França, privilegiasse os Impressores, reconhecendo as muitas vantagens que d'elles podião vir com tão preciosa Arte: começou de os contemplar e animar n'este Reino, fazendo-lhes mercê e graça; porque a Jacob Combreger Alemão, e a todos os mais Impressores Christãos concedeu os Privilégios, liberdades, e honras, que havião e devião haver os Cavalleiros de sua Real Casa, por elle confirmados.»

Em nota ao referido *Apendice I*, pág. 130 das cit. *Memorias*, declara António Ribeiro dos Santos que

«Pode ver-se o Privilégio por inteiro no I Tomo da *Synopsis Chronologica* do erudito escritor José Antonio de Figueiredo, a pag. 163 e 165.»

E, finalmente, que

«Entre nós não padecem duvida na nobreza os que tem dois Impressores.»

Isto significa que uma familia em que houvesse dois impressores era nobre, para todos os efeitos e só por esse facto.

Quantum malis ab illo!

No saudoso tempo do meu apprendizado tipográfico e ainda muito longe da quadra de promessas animadoras e das mais risoullas esperanças no futuro que veio a ser o pavoroso dia de hoje, se bem que os pontos de reunião dos

tipógrafos lisboenses e as respectivas officinas não fossem scursais ou ramificações do Capitólio, eram, todavia, pequenos cenáculos onde o meu espirito em grande parte se formou e esclareceu.

Dêsses meus colegas da velha-guarda tipográfica lisboense que já não existem e lá brillaram cito, em seguida, os que me occorrem neste momento, comprehendendo alguns que ainda vivem:

Lugmann e Sigmann, autêntico filósofo; Ricardo da Mota, delicado poeta; Nobre Franca, revisor, jornalista e deputado, na República; Joaquim dos Anjos, poeta, tradutor e consciencioso revisor; Libânio da Silva (*GR-Bias* do jornal humorístico *O Pimpão*), tradutor, poeta e grande mestre da Nobre Arte Tipográfica; Ernesto da Silva, dramaturgo e jornalista; Pe-



As armas nobiliárquicas dos artistas gráficos

dro de Alcântara Chaves, dramaturgo e autor do drama *Os Tipógrafos*; José Fernandes Alves, tradutor e jornalista; Augusto César dos Santos, músico e jornalista; Manuel Joaquim de Figueiredo, jornalista e por muitos annos director do jornal *O Trabalho*, de Setúbal; Teodoro Ribeiro, jornalista; José Maria Gonçalves, jornalista e actual bibliotecário-conservador da importantíssima Biblioteca da Imprensa Nacional, que se deve ao desditoso Luís Deronet; Ricardo de Sousa, outro mestre da Arte Tipográfica; Alexandre Vieira, jornalista; João Black, poeta e jornalista; Norberto de Araujo, crítico de Arte, tradutor e jornalista; Avelino de Sousa, jornalista, escritor teatral e poeta, e Perfecto de Carvalho, jornalista, tradutor e músico.

Para fechar com chave de ouro citarei Eduardo Coelho, que fundou o *Diário de Notícias*, de Lisboa, com o impressor Tomás Quintino Nunes, mais tarde visconde de S. Marçal; P. W. de Brito Araujo, bibliógrafo notável, redactor da sobredita fôlha e iniciador do *Dicionário da Academia Real das Sciencias de Lisboa*; Teófilo Braga, o grande Mestre, que veio a ser presidente de República; o actor Taborda, que foi Mestre da scena portugueza e, para encerrar, o coronel Paulino de Andrade, involuntariamente excluídos desta lista, assás reduzida, os tipógrafos seus e meus contemporâneos que mais se distinguiram nas provincias, principalmente na cidade do Pôrto e cujos nomes escapam à minha memoria.

Passa a publicação destas linhas concorrer dalguma forma para reparar uma grave injustiça que se dá e consiste em que os tipógrafos actualmente e desde longe empregados na Companhia Nacional de Navegação figurem na respectiva matricula como simples criados de câmara, sendo para lastimar que assim aconteça, contra o desejo expresso da classe a que pertencem.

Melhor situação lhes compete, na verdade, para quando não na sua qualidade de artistas, auferirem mais alguns proventos como artífices e deixem de enfileirar na taifa, entre a qual não se desonram mas se encontram deslocados, o que não enaltece, antes pelo contrario, a Arte Tipográfica, possuidora dos mais nobres pergaminhos e cujo emblema ou brazão heráldico vai singelamente guardado por esta moldura de palavras sem relevo.

JOSÉ BENEY.



Guttenberg — Aguarela de Casanova

A gravura que representa Guttenberg e accompanha esta pequena monografia é fotocópia reduzida dum belo crômo de Lannay, estampado na Imprensa Nacional de Lisboa, segundo uma aguarela primorosa do grande artista espanhol D. Enrique Casanova que brouhou em Portugal.

Vê-se, pelo exposto, que o inventor consagrado da Tipografia teve sorte idêntica à de muitos outros innovadores, o que deve attribuir-se, principalmente, às emulações e invejas, sempre occasionadas pelos mais notáveis empreendimentos e pelas grandes descobertas.

Ainda que um tanto confusa ou imprecisa a origem da Arte Tipográfica, sabe-se, contudo,

No Salão da "Voga", no Pôrto, estarão os CHAMPAGNES PIPER-HEIDSIECK — (Reims), os GRANDES LICORES ROCHER FRÈRES e COGNAC REMY MARTIN & C., representados por João Alves de Matos — Rua dos Fanqueiros, 277 — Lisboa

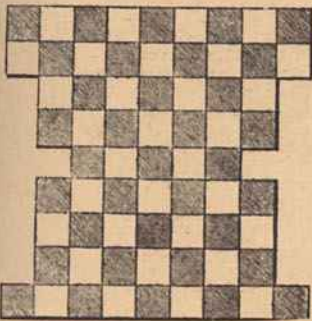


Passatempo

AS NOVE DAMAS

(Problema)

Num tabuleiro xadrezado, da forma que a figura representa, com 67 casas, coloquem-se 9 pedras do jogo de damas por maneira que nunca estejam duas na mesma linha, quer

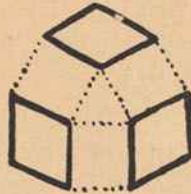


vertical, quer horizontal, quer diagonalmente.

Devemos advertir que as reintrâncias a cada lado do tabuleiro, em nada affectam as condições do problema. Assim, duas pedras, respectivamente colocadas nos cantos superior esquerdo e inferior do mesmo lado, são consideradas como estando na mesma linha, não obstante haver uma quebra de continuidade entre ellas.

OS TRÊS ROMBOS

(Solução)



Na figura junta está representada a maneira de dispôr os fósforos para formar os três rombos separados.



Um grande alívio:

Mãe: — Oh! doutor, que grande susto tivemos. Julgávamos que o Josézinho tinha engolido uma libra.

Médico: — E viram que não tinha, afinal de contas?

Mãe: — É verdade, vimos que tinha sido só uma moeda de dois tostões.



— Enguli o botão do colarinho! — exclamou aflito, o marido.

— Olha, até que enfim, já sabes onde elle está! — respondeu-lhe a esposa.



PAIS EXEMPLARES

A mãe: — Bem sabes que não é correcto ir-se buscar dinheiro ao malheiro do nosso filhinho para as tuas extravagâncias. Além de que eu estava reservando isso para um chapéu novo para mim!

Passageiro retardado: — É um aborrecimento! Estes comboios chegam sempre atrasados.

O chefe da estação: — Ó meu caro senhor, mas de que serviriam as salas de espera se os comboios chegassem sempre à hora?



O Agapito (mostrando o seu próprio retrato montado num burro): — Esta fotografia foi tirada o verão passado quando estive na praia. Você acha que está parecido?

O Bonifácio: — Alguma coisa. Mas quem é esse que está às suas costas?



A verdadeira economia:

— Jorge, meu filho, não te parece um bocudo de extravagância comeres manteiga juntamente com esse doce tão bom?

— Não, minha mãe, é até económico. A mesma fatia de pão serve para ambos.



Dois indivíduos disputavam violentamente. Como um d'elles estava armado com uma bengala, o outro diz-lhe:

— Larga a bengala, cobarde, e verás o que eu te faço.

O interpellado atira a bengala ao chão; esta é logo agarrada pelo primeiro, que lhe administra uma boa sova, dizendo:

— Eu bem te dizia que largasses a bengala e verias.

Andam por aqui mais quatro companheiros d'este «ple-nico». Não os vêem?



No Salão da "Voga", no Pôrto, desfilarão os manequins vivos com criações de Santos & Júlio (Rua Nova do Almada, Lisboa)

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM JANEIRO DE 1930

LITTERATURA

BARROSA PIÇARRA (ANÍBAL) — *Curso prático de ensino comercial*. 370 pág. 8.º — 10\$00.

BOTTO (ANTÓNIO) — *Dandysmo*. Canções. 60 pág.

CASTRO (FERNANDA DE) — *O Veneno do Sol*. Romance. 202 pág. 8.º — 10\$00.

CASTRO (JOSÉ AUGUSTO DE) — *Árvore em flor*. Poesias. 198 pág. 8.º — 10\$00.

CAVALLO (LOURENÇO) — *Revivendo o Passado*. Evocações em prosa. 275 pág. 16.º — 12\$00.

CHAVES (LUIZ) — *A Canção do trabalho*. Páginas folclóricas — I. 67 pág. — 5\$00.

DIAS DA COSTA (JÚLIO), editor literário — *Dispersos de Camilo*. Vol. IV: artigos de 1846 a 1880 (Biblioteca dos Escreitores Portugueses — série C). 608 pág. 8.º com os retratos de Camilo e de A. Herculano. — 25\$00. Ed. esp. 50\$00.

FERRERA (JOÃO MARIA) — *Crepúsculos*. Versos. 156 pág. 8.º e mais XXXI. com capa il. — 6\$00.

FRIAS (EDUARDO) — *Inferno Branco*. Romance. 176 pág. 8.º — 6\$00.

GAMITO (MARIA ISABEL) — *Nas serranias da vida*. 62 pág. com capa il. — 7\$50.

IVO (PEDRO) pseudónimo de Carlos Lopes. — *Contos*. Nova ed. 228 pág. 8.º com capa il. — 6\$00.

LEITE DE VASCONCELOS (J.) — *Linguagem de San Martin de Trevejo* (Cáceres: Espanha). Notícia sumária. 15 p.

MARTINS (PADRE FIRMINO A.) — *Folhore do concelho de Vinhais*. 356 pág. 8.º e mais X com 1 est. e músicas. — 15\$00.

NUNES (JOSÉ JOAQUIM) — *Cantigas de Amigos dos trovadores galego-portugueses*. Edição crítica acompanhada de introdução, comentário, variantes e glossário. Vol. III (Biblioteca de Escreitores Portugueses. Série A). 728 pág. 8.º — 25\$00. Ed. esp. 50\$00.

SILVA CORREIA (JOÃO DA) — *Algumas observações acerca da influencia do Inglês no português e do maior vehiculo dela — o francês*. 100 pág. 8.º.

SOITO-MAIOR (REULIERS) — *Pétalas*. Versos. 120 pág. 8.º — 6\$00.

VASCONCELOS (MÁRIO DUARTE DE) — *Gramática prática da lingua portuguesa*. Guia pedagógico. (Brisino primário elemental). 150 pág. 8.º — 3\$50.

VELASCO (ANDRÉ) — *O Latim e o grego segundo os escritores latinos*. 59 pág.

VELASCO (ANDRÉ) — *A natureza do acento latino*. 23 pág.

VELASCO (ANDRÉ) — *A posição da latim entre as linguas indo-europeias*. 26 pág.

VEIRA DE ALMEIDA. — *A obra de Guerra Junqueiro*. (Opuscula critica — II). 126 pág. 8.º.

WALLACE (L.). — *Ben-Hur*. Novela cinematográfica, por Guedes de Amorim. (Coleção «Cinemas»). 48 pág. com grav. — 3\$50.

XOXA PINTO — *Musa destrambelhada*. Versos. 62 pág. com capa il. — 5\$00.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

AIRES DE MAGALHÃES SEPÚLVEDA (CRISTÓVÃO) — *História orgânica e politica do exército português*. Provas. Vol. XV: História da Irregularia Militar Portuguesa. Aditamento. 222 pág. 8.º com folhs. desds.

ALMEIDA DE RÇA (VICENTE) — *A Pesca*. (Por-

ugal). Exposição Portuguesa em Sevilha. 24 pág. com gravuras.

ALVES (PADRE FRANCISCO MANUEL) — *Três-os-Montes (Portugal)*. Exposição Portuguesa em Sevilha. 28 pág. com gravuras.

BENSAUDE (JOAQUIM) — *Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises*. II parte. 254 pág. 8.º.

CARVALHO (ALFREDO DE) — *A costa Algarvia* (Alguns aspectos). Conferência. 19 pág. — 10\$00.

CASTILHO (JÚLIO DE) — *Memórias de Castilho*. Nova edição. Tomo II (livro II). 335 pág. 8.º com gravuras. — 20\$00.

CHAGAS FRANCO — *Os Gregos e os Persas*. (Biblioteca de Evolução Social: A Evolução da Humanidade, X). 192 pág. 8.º com gravuras e capa ilustrada. — 6\$00.

DIAS FERREÃO (J. M.) — *João Brandão*. 529 pág. 8.º com autógrafa e capa il. e o retrato do biografado. — 20\$00.

FITZLER (M. A. H.) — *O Cérco de Colombo*. Últimos dias do domínio português em Ceilão. Rompimento das hostilidades pelos holandeses. 1622-1626. Vol. I. 236 pág. 8.º — 30\$00.

FRAZÃO DE VASCONCELOS — *A Fábrica das Naus da carreira da Índia no século XVII*. (Subsídios para a história da Marinha portuguesa, II). 16 pág. — 5\$00.

LE GENTIL (G.) — *Lex Français en Portugal*. 36 pág. — 5\$00.

MAIA (BERTA) — *As minhas entretistas com Abel Olímpio, o «Dente de Ouro»*. Páginas para a história da morte vil de Carlos da Maia. Nova edição. 104 pág. 8.º com 1 retrato e autógrafos. — 7\$50.

ROCHA MARTINS — *Camões*. 5.ª fascicula. 2.ª vol.: *Heróis, Santos e Mártires da Pátria*. (Col. História). 64 pág. com capa ilustrada por Alberto de Sousa. — 25\$00.

ROCHA MARTINS — *Dona Flor da Moura*. 5.ª

fasc., 2.ª vol.: *Os Grandes Amores de Portugal*. (Col. História). 64 pág. com capa ilustrada por Alberto de Sousa. — 25\$00.

ROCHA MARTINS — *Legendas de Portugal*. (Col. História). Obra revista e acrescentada de novos episódios. 16 pág. com grav. e capa il. — 25\$00.

SILVA (CÉSAR DA) — *O Prior do Crato e a sua época*. Crónica episódica. 270 pág. 8.º com capa il. — 8\$00.

Tomar. *Ermita da Conceição*. 15 pág. com gravuras e capa il. — 1\$50.

Tôrre (A) de Beidm — 15 pág. com gravuras e capa il. — 1\$50.

SCIENCIAS E ARTES

AMORIM FERREIRA (H.) — *Trabalhos práticos de física*. 167 pág. com gravuras. — 20\$00.

BAPTISTA RAMIRES (ADOLFO) — *Tratado de classificação*. Processos modernos indicados para Portugal e países quentes. Tomo I — 272 pág. 8.º com gravuras. — 30\$00.

COSTA (ELIAS DA) — *A Covilhã no trabalho*. (Coleção Covilhãense de Cultura Geral). 260 pág. 8.º.

FERRAZ DE CARVALHO (A.) e FERREIRA DE MOURA (M. MARCELINO) — *Curso elemental de mineralogia*. Nova edição. 212 pág. 8.º com gravuras. — 25\$00.

FERRAZ DE CARVALHO (A.) e FERREIRA DE MOURA (M. MARCELINO) — *Geodinâmica, geotectónica e geognosia*. 1.º livro de geologia. 160 pág. com gravuras. — 18\$00.

GODINHO (VITORINO) — *Introdução ao estudo do combate da infantaria*. 397 pág. 8.º com gravuras e capa il. — 30\$00.

RIBEIRO (EMMANUEL) — *O Doce nunca amargo...* Doçaria portuguesa; história; decoração; reccitório. 130 pág. 8.º com gravuras. — 15\$00.

SCIÊNCIAS CIVIS

CAMPOS (EZEQUIEL DE) — *Lázaro...* Subsídios para a politica portuguesa. Tomo II. 261 pág. 8.º com gravuras. — 15\$00.

SANTANA RODRIGUES — *O Crime e a responsabilidade*. (Estudo psico-social). 70 pág. — 5\$00.

RELIGIÕES

GONÇALVES CEREJEIRA (DR. M.) — *A Igreja e o pensamento contemporâneo*. 1 — O facto religioso. Nova edição ampliada. 118 pág. 8.º — 15\$00.

BELAS-ARTES

CORDEIRO DE SOUSA (J. M.) — *Apointamentos de epigrafia portuguesa*. 55 pág. e mais 4 com gravuras. — 10\$00.

CORDEIRO DE SOUSA (J. M.) — *Marcas de canteiro*. 9 pág. com gravuras. — 10\$00.

POLIGRAFIA

ALMANAQUE LELLO (O «Hachettes» português). Pequena enciclopédia popular da vida prática Organizado e adaptado por Kol d'Alvarenga, para 1929 (I ano). 368 pág. e mais 56 com gravuras. — 9\$00.



ESTRANGEIROS

AMIGOS

DAS

NOSSAS

LETRAS

Lucie Delarue-Madrès

Jornalista e escritora francesa, cujo talento se tem affirmado, sobretudo, na poesia e no romance. Eis os títulos de algumas das suas obras: *Marie fille-mère; Deux Amants; Tout l'Amour; Le Pain blanc; Graine au vent; etc.*

Apreciadora das nossas letras, cujo conhecimento intensificou há anos, por ocasião de uma visita que fez ao nosso país, essa illustre escritora alguma coisa tem contribuído para a propaganda deias em França, em artigos que, se não se impõem pela exactidão informativa nem pela profundidade, apresentam, pelo menos, a vantagem de despertar em quem os lê um pouco de curiosidade pela nossa vida litterária.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações e consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual		Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS...	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑA	47\$00	92\$00
Registados...	24\$40	47\$80	93\$60	Registados...	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL...		49\$00	96\$00	BRASIL...	52\$00	102\$00
Registados...		53\$80	105\$60	Registados...	61\$60	121\$30
INDIA, MACAU E TIMOR...		53\$00	104\$00	ESTRANGEIRO...	63\$00	124\$00
Registados...		57\$80	113\$60	Registados...	72\$60	143\$00

NÚMERO AVULSO 4\$00



UMA OBRA MAGNIFICA

♦ ♦ ♦ ♦
ACABA DE APARECER

O GUIA DE CLINICA MEDICO-LEGAL

Pelo ilustre homem de sciencia **DR. ASDRUBAL D'AGUIAR**

3 volumes absolutamente indispensáveis a

MEDICOS
JURISTAS
ESTUDANTES DE MEDICINA
ESTUDANTES DE DIREITO

pois preenche uma grande lacuna das literaturas médica e jurídica, pois indica aos médicos o modo de executar os relatórios periciais dos casos que, pela justiça, lhes são presentes e facilita aos juristas a crítica dos mesmos relatórios e a elaboração dos quesitos apropriados, comuns e essenciais.

ALGUNS CAPÍTULOS: Offensas corporais — Acidentes de trabalho — Envenenamento — Atentados ao pudor — Estupros — Violações — Gravidez — Parto — Aborto — Casamento e divórcio — Perversões sexuais — Investigações de paternidade — Lenocínio, etc. — Legislação e jurisprudência de cada caso médico-legal

UMA OBRA DA MAXIMA UTILIDADE E DA MAXIMA PROBIDADE

PREÇO DOS 3 VOLUMES ENCADERNADOS EM PERCALINA

Esc. 50\$00

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett — LISBOA

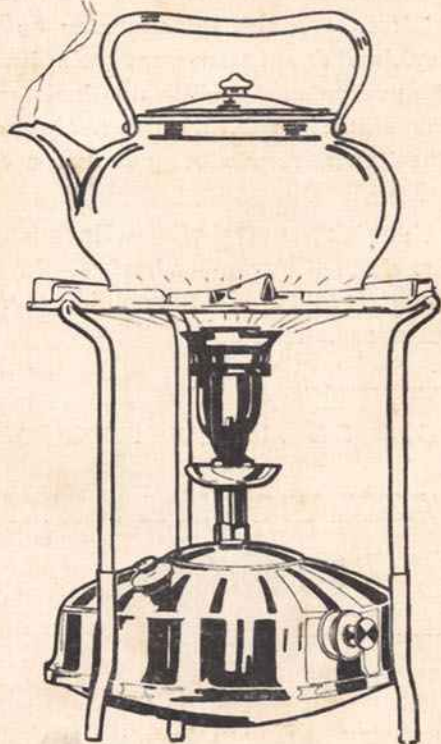
Telefones : C. 1084 e C. 1606



"FOGÃO DA VACUUM"

quere dizer:

**Comodidade,
Economia e rapidez**
Faz um chá 5 minutos
em
gastando menos de
um decilitro de



Vacuum Oil Company

Rocio. 67 Telef. N. 3075 e nas suas Agências